

KÓSMOS

REVISTA ARTISTICA, SCIENTIFICA E LITTERARIA

Director
MARIO BEHRING

ASSIGNATURA ANNUAL
INTERIOR. 20\$000
EXTERIOR. 22\$000
NUMERO AVULSO. 2\$000

Editor-Proprietario
JORGE SCHMIDT

ANNO I

SETEMBRO 1904

N. 9

NÃO NOS RESPONSABILISAMOS PELAS OPINIÕES EMITTIDAS POR NOSSOS COLLABORADORES

Só receberemos assignaturas, d'ora em diante, para o 2º semestre do corrente anno.

Interior Rs. 11\$000

Exterior Rs. 12\$000

A importancia das assignaturas e toda a correspondencia commercial devem ser remettidas a J. Schmidt, caixa postal, n. 1085—Rio de Janeiro.

KÓSMOS encontra-se á venda nas seguintes livrarias :

Capital Federal—Laemmert & C.^a, Garnier, Alves & C.^a,
A. Moura, Briguiet & C.^a, S. Gradim.
S. Paulo—Casa Garraux, Laemmert & C.^a, Chiaffarelli & C.^a
Santos—Magalhães & C.^a, Bazar Paris.
Mogy-Mirim—Casa Cardona.
Bello Horizonte—A. Joviano & C.^a
Ouro Preto—Antonio da Costa.
Uberaba—Leschaud & C.^a
S. João d'El Rey—Armando B. Cunha.
Juiz de Fóra—Feliciano da Silveira Bulcão
Bahia—Livraria Dous Mundos
Victoria (E. Santo)—Nelson Costa & C.^a

Fortaleza (Ceará)—Libro-Papelaria Bivar.
S. Luiz (Maranhão)—Luiz Magalhães & C.^a
Belém (Pará)—J. B. dos Santos.
Manãos (Amazonas)—Lino Aguiar & C.^a
Florianopolis (Santa Catharina)—Paschoal Simone.
Pelotas (R. G. do Sul)—Pintos & C.^a, —Francisco Meira,
Echenique Irmãos & C.^a
Rio Grande —Pintos & C.^a—Echenique Irmãos & C.^a
Porto Alegre —Pintos & C.^a
Parahyba (Parahyba)—Antonio Penna & C.^a
Coritiba (Paraná)—Annibal Rocha & C.^a

São nossos agentes:— Em Santos—Snr. Antenor da Rocha Leite. Em Mogy-Mirim—Snr. Francisco Cardona.
Em José do Rio Pardo, Mocóca e Casa Branca—Snr. Dr. Francisco Escobar. Em Jahú—Snr. Major Alfredo Augusto Leitão.
Rio Claro—Snr. João Pires de Oliveira Dias. S. Carlos de Pinhal—Snr. Carlos de Carvalho. Cataguazes—Snr. Julio Guimarães.
Sul de Minas—Snr. Urbano Rabello. Petropolis—J. R. Escragolle. Taubaté—Snr. Braz Curtu.

São nossos representantes:— Estado de S. Paulo—Snr. Antonio Ferreira Neves Junior. Estado do Paraná.—Snr.
Dario Velloso. Estado de Pernambuco—Snr. Carlos Burle. Estado do Pará—Snr. Fernando de Figueiredo Motta. Estado do
Maranhão—Snr. Antonio Gonçalves Moreira Nina. Estado do Amazonas—Coronel Domingos Andrade. Estado da Bahia
—Snr. Vicente Ferreira Lins do Amaral.



PULCHERRIMA RERUM

O temps futurs! Vision sublime!
V. Hugo «Châtiments»

ESBORÔA-SE a casaria velha da cidade; o martello, a trolha, a alavanca, bloco a bloco, pedra a pedra, atiram ao solo humido e lamacento cumieiras, cimalthas, cornijas, paredes; e dos alicerces centenarios, como de alveolos carcomidos, arrancam-se as grandes lages ennegrecidas e gastas pela acção do tempo. Escancara-se ás vistas profanas o interior dos lares desertos, e, envolta na poeira que sobrepaira aos escombros e que o vento dispersa, parece evolar-se para o céo a alma das cousas passadas, de que se extinguem os ultimos vestigios. Erguem-se, como si fossem caveiras, as fachadas nuas, derrocados os corpos de edificios a que pertenciam, e através das janellas sem portas—orbitas sem olhos—descortina-se o amontoamento informe de caibros, tijollos, barro e pedras toscas, arcabouço desfeito, esqueleto desarticulado da velha *Urbs*, que o alvião revolve, e sobre que passa, indifferente e apressada, a turba de operarios arquejando suarentos.

De dia para dia, quasi que de hora em hora, o aspecto dos trechos demolidos se modifica profundamente; e a cada transformação que se opera, corresponde uma impressão nova; o que era, ha pouco, um casarão grosseiro e acaçapado, assume de improviso a apparencia de um castello a meio desmoronado, com suas setteiras empoeiradas, torreões a se desfazerem, e, ante os portões arrancados, simulacros de pontes levadiças, arrançadas ao capricho do acaso com traves, barrotes e taboas atiradas a esmo. O artista invisivel e mysterioso que preside á construcção ephemera das ruinas, faz de um sótão um minarete, de um telhado pontegudo o lanternim de um monumento funerario, e, no desregramento da sua imaginação delirante de phantasma, escava aqui uma crypta sombria, ergue acolá frontarias de igrejas, baluartes, arcadas, cupolas, porticos, mausoléos, tudo isso aereo, oscillante, sem base, ameaçando subverter-se ao mais fraco impulso. Por trás de um quarteirão arrasado, surge imprevista uma encosta de collina, um socavão barrento, sobre o qual pende velho casebre, encarquilhado e trôpego, meio occulto por uma touceira de arbustos enfesados, como que vexado de ver assim expostas subitamente, á plena luz do dia, a sua miseria e a sua nudez.

Nas horas de calor intenso, quando é mais viva a irradiação do sol a pino, e das arestas dos pilares, soleiras e portaes de granito jorram fagulhas; o madeiramen-

to desconjunctado estala; as altas paredes desabam com estrondo levantando nuvens de poeira dourada, sobre que a reverberação das claraboias arremessa feixes de luz vibrante e offuscadora; ao clamor dos operarios em chusma, ora fugindo a um desastre imminente, ora acudindo a companheiros feridos; quando é maior a vozeria, mais tumultuoso o movimento de vagões, carroças, caminhões, vagonetes, acarretando os materiaes desmantellados, rodando sobre o chão desigual e atravancado de destroços, com um ruido bellico e atordoador de carretas de guerra, a impressão que se experimenta é a de que a cidade está sendo assolada por alguma hoste invasora, que obuzes e granadas procedem a uma obra de devastação systematica, e oblitera-se por momentos a noção de que do meio dessas ruinas surgirá em breve uma criação nova, alguma cousa que á nossa imaginação se apresenta grandiosa e bella, primeiro painel da futura cidade, destinado a sacudir a modorra dos espiritos, e a despertar nas almas entorpecidas a alegria de viver.

Mas, a effervescencia fatigante das horas rudes de trabalho vai se acalmando; á agitação, ao atropello, aos ruidos varios e rumores desencontrados do dia, succedem a quietação e o silencio da noite; á luz violenta do sol abrazador, o clarão sereno e apaziguador do plenilunio.

A quem percorre então a area das demolições, o horizonte visual limitando-se pelo effeito da tenue claridade, aos trechos derrocados, afigura-se que a destruição se estendeu a toda a cidade, e, ás horas mortas da madrugada, quando nas ruas de mais movimento as ultimas lojas se fecharam ha muito, os ultimos transeuntes retardatarios desapareceram, os ultimos echos de vida se extinguiram, e o silencio é completo, pareceria haver sido transportado ao meio de uma vasta necropole, que convulsões do solo e doidos cyclones arrazaram. Os lanços, ainda de pé, das paredes brancas, os altos feixes de ripas e caibros, os andaimes vacillantes, o entablamento desmantellado das casas a meio desfeitas, as columnas de granito e as enormes lages que juncam o solo, semelham lividas mortalhas, floresta devastada de arvores funerarias bracejando phantasticamente, desfolhadas e resequidas, monumentos destruidos e dispersos por sobre os quaes susurram lugubrememente as virações nocturnas, e o luar estende o seu velario de prata!

Quando a noite é sombria, a treva espessa, e no firmamento desolado nem as estrellas brilham, o aspecto das ruinas confrange o coração e aterra o espirito; receia-se involuntariamente que toda aquella destruição seja uma cousa definitiva e irremediavel, que se tenha diante dos olhos uma cidade morta, cujo cadaver colossal está sendo velado por grupos esparsos de vultos—homens, talvez, talvez espectros, ou executores, surgidos de além-tumulo, de algum castigo providencial—que, em torno de fogaréos accesos de espaço a espaço, como si fossem cyrios arden-do em volta de uma eça gigantesca, movem-se mysteriosamente em circulos de luz viva, a que o clarão dos brazeiros dá uns tons rubros de sangue.

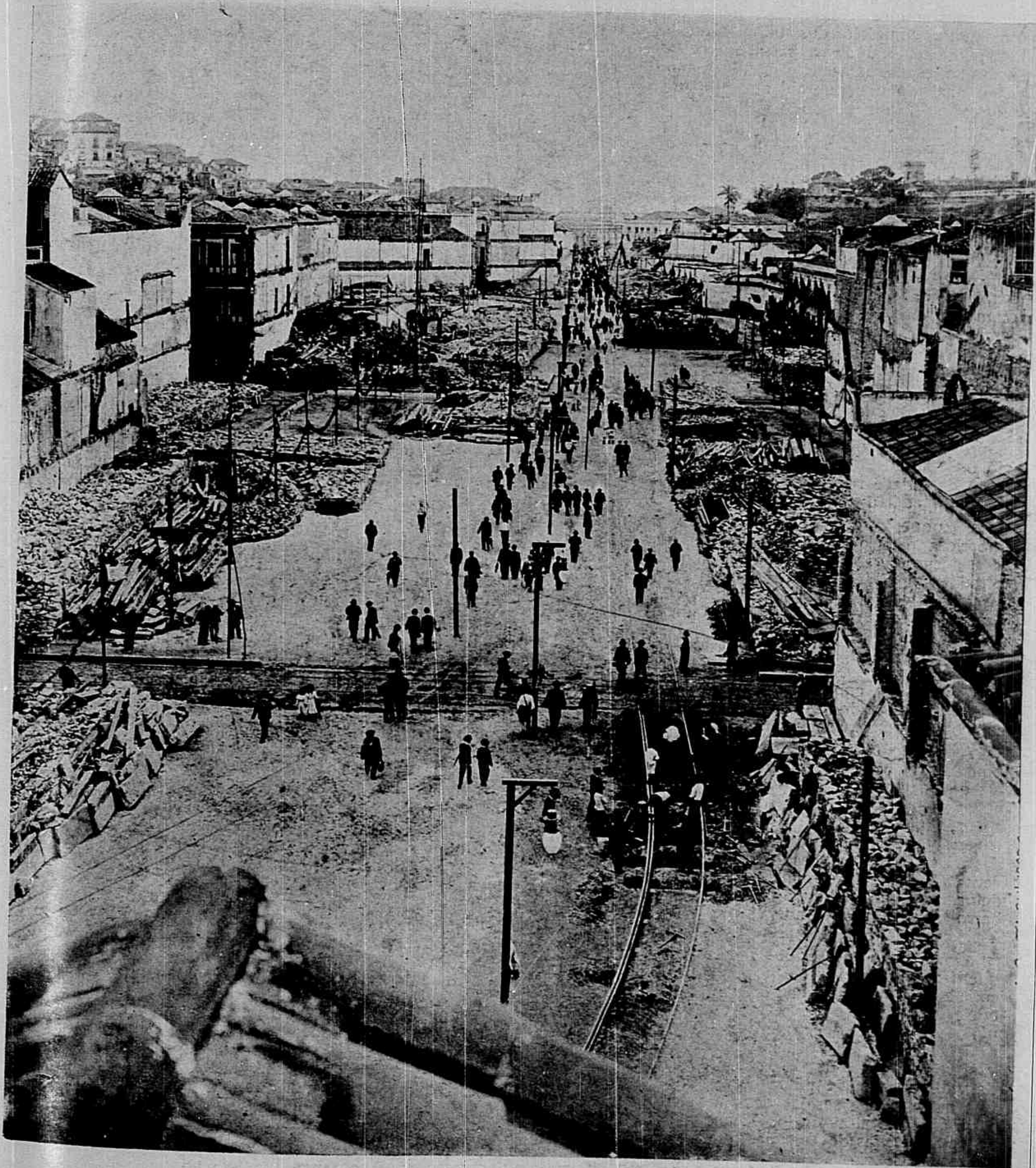
Pelas brechas das muralhas, pelos largos intervallos onde houve janellas e portas, por sobre o travejamento desordenado dos materiaes de construcção accumulando-se irregularmente aqui e acolá, por trás das pilastras e grandes arcos de cantaria, ao longo das paredes fendidas e ameaçando ruir, pelo cimo das cumieiras destelhadas, sombras errantes perpassão, deslisão-se, esgueiram-se, parecendo regular os seus movimentos phantasticos pelas oscillações caprichosas das chammas que o vento incessantemente agita. Dir-se-ia que as almas das gerações

AVENIDA CENTRAL



ENTRE GENERAL CAMARA E SANTA LUZIA

Inauguração em 7 de Setembro de 1904



ENTRE GENERAL CAMARA E PRAINHA

mortas, sob a apparencia de espectros que desertam as sepulturas, acodem a contemplar a devastação que vai pelos seus antigos lares, a assistir á destruição, ao aniquilamento completo dos ultimos restos do que ainda lhes podia lembrar a sua passagem pela terra, a resentir, si é que espectros sentem, a ultima impressão, a recordação final do que por ahi amaram, odiaram, soffrêram e gozaram.

Quebrando o silencio da noite, ouve-se de subito abater com estrepito alguma alta parede desaprumada, ou ruir com fragor algum grande marachão de pedras que rolam pela aba de um outeiro; ao mesmo tempo, á luz afastada das fogueiras, vê-se passarem ao longe vultos de desmarcada estatura, sombras de heroes empunhando sombras de lanças, talvez as de Estacio, Mem e Salvador Correia, que houvessem resurgido dos tumulos para vi-rem collaborar na obra do engrandecimento e aformoseamento da cidade que fundaram, cujo futuro mal podiam entrever, e cujos intimos fundamentos se abeberaram do sangue generoso da forte raça que lhe deu o ser.

Mas, um resplendor de luz vivissima espanca brusca-mente as trevas densas, um ruido vibrante e alacre de tympanos afugenta os phantasmas sombrios; é o comboio electrico que passa, carreando para o mar os escombros e projectando sobre o cháos das ruinas a irradiação violenta dos seus grandes focos luminosos, numa fulguração de vida e renascimento.

Por uma coincidência notavel, que offerece um contraste eloquente, e é, ao mesmo tempo, uma intimação imperiosa para o proseguimento da obra patriótica que se está emprehendendo, a extremidade inicial da ampla estrada que ahi vae sendo aberta na direcção do sol nascente, como si a alma constricta da Cidade, emergindo da sombra e do marasmo, do languor da inercia e da acção deprimente do vicio, procurasse o estimulo e a redempção na luz de uma nova aurora, fixa-se no centro desse tenebroso bairro do Vallongo, tão cheio de recordações sinistras, em cujas viellas cenosas e bêcos tortuosos parece ainda ouvir-se o echo amortecido dos gemidos e soluços de uma raça torturada.

Agachado a um canto, ahi está o Aljube, môcho pousado na base do outeiro, olhos piscos para a nova luz que o envolve, symbolisando só por si toda uma epoca de oppressão e obscurantismo, e subsistindo apenas para fazer sentir que só agora, talvez, nos é dado encerrar o periodo colonial da nossa historia. Em torno das suas paredes limosas e humidas e por todo aquelle vetusto largo da Prainha vagueia á noite o espectro deformado de Ratcliff, curvando-se sobre os montes de barro e calça, revolvendo as pedras e as taboas, como á procura da cabeça que as vagas do mar tragaram.

O Vallongo e o Aljube! O escravo e o grilhão! Nomes que fazem a treva no espirito e esmagam a consciencia com a evocação do quadro hediondo em que a Lei, estylete do crime, se representa rasgando as veias de todo um povo innocente e martyrisado, para que uma outra raça, na ferocidade do seu egoismo, como uma legião de vampiros, se nutrisse de sangue humano! Phase luctuosa da vida nacional, em boa hora para sempre extincta, em que nas praias e sertões dessa mysteriosa e predestinada terra africana, através do Oceano a rugir de colera, por sobre as esteiras de lagrimas que com as quilhas malditas traçavam os brigues negreiros, corvos sinistros do mar, se desenvolveu a espantosa tragedia do trafico e da escravidão.

A faina das demolições e reconstrucções estende-se a varios pontos da Cidade; no empenho patriótico com que se está procurando engrandecê-la e orna-la, ha alguma cousa que deve commover profundamente, não tanto pelo que se vê, como pelo que não é inverosinil prever. Dezenas, muitas dezenas de annos serão precisas, para que a obra que agora começa chegue a termo; o que se está fazendo é um primeiro impulso, um exemplo energicamente persuasivo que terá fatalmente de ser acceto e seguido, tão evidentes são as suas vantagens immediatamente apreciaveis. As ruas amplas e extensas, as largas praças ajardinadas, os altos e formosos edificios, as multiplas diversões de simples prazer ou de gozo intellectual que acompanham necessariamente essas transformações do meio em que vive a população, hão-de modificar os seus habitos, influir sobre o seu character, activar a sua iniciativa, despertar-lhe o gosto do bello, o culto do ideal, o amor que se traduz por actos, não o amor platonico e rhetorico, da terra natal. Esse é o primeiro e mais util resultado do emprehendimento que homens energicos e de ampla visão das cousas, tomaram a peito.

Outros virão após elles proseguir na obra encetada; outros ainda a desenvolverão mais tarde; e ás gerações que se succederem, caberá a tarefa de transmittir umas ás outras, cada vez mais bello, mais alto e grandioso, o monumento de que actualmente mal se pôde imaginar a imponencia e magestade futuras.

Não é de crer que grande influencia exerça nos seus gloriosos destinos, a edificação da nova capital no planalto interior, si chegar a ter realidade o que manda a constituição. Ella nasceu no seculo do descobrimento; viu o seu berço glorificado pelo esforço de heroes que o fizeram fluctuar no sangue de inimigos que a queriam victimar no alvorecer da vida; cresceu com o organismo colossal de que é a cabeça; dos mesmos males soffreu; da mesma robustez participa; terá, assim, sempre a seu favor a superioridade da longa existencia, das tradições tão intimamente vinculadas a toda a historia nacional, das raizes profundas com que se consolidou no coração do povo pelas suas glorias e infortunios, os grandes nomes que nella fulgiram, os exemplos de civismo que deu a todo o paiz.

A Providencia mesmo a está indicando para ser a synthese, o symbolo de uma grande nacionalidade; não foi em vão, certamente, que deu ao magestoso golpho em que ella se contempla, o exacto contorno de todo o Brasil; essa bahia sem igual — a cousa mais bella que os oceanos formaram — ficou sendo, assim, por consagração divina, a sua pia baptismal.

Para este solo brasileiro tão prodigiosamente fecundo, onde em cada grão de terra pullulam mil germens de vida, afugentados do velho continente, extenuado e exanime, pela oppressão da miseria e pelas condições sociais de dia para dia mais penosas e esmagadoras, accorreram pressurosas as populações extranhas, na ancia de garantirem o bem-estar que lhes falta, gratas á terra hospitaleira, Chanaan dos desherdados, que retribue todo o esforço com a prodigalidade transbordante de mãe carinhosa cujos thezouros nunca se esgotam.

Por toda esta vasta extensão de terras incultas em que, ainda hoje, imperam o selvagem e as feras, milhões de homens, com os braços vigorosos fazendo vibrar a foice e o machado, ou guiando a charrúa, entoarão no

seio das florestas virgens ou pelas planícies sem fim do grande sertão interior, os hymnos do trabalho; pelas margens e estuários dos grandes rios surgirão cidades, que virão a ser grandes emporios, centros de civilização e alta cultura.

Dos contrafortes dos Andes ao Atlantico, do *El-Dorado* amazonico ás savanas do sul, uma população de centenas de milhões de almas, movendo-se folgadoamente neste immenso territorio fadado a ser o refugio, a salvação talvez, da velha Europa depauperada, desentranhando do sub-solo os thezouros das minas occultas, ou cavando os sulcos profundos em que a terra ubere desabroche em flores e fructos e searas sem fim, fará desta região abençoada o emporio das riquezas e o celleiro do mundo.

Uma raça unica, a forte, raça do futuro, feita da fusão lenta e progressiva do sangue seleccionado das raças actuaes, os musculos robustecidos pela seiva potente destas virgens terras da America, o cerebro avigorado e o coração engrandecido por esta natureza edenica, fonte perenne de energia, inspiração e poesia, ainda não sentidas pela anemia das almas, dará ao mundo o espectáculo soberbo de uma civilização propria, de uma cultura original, em que dos antecedentes da civilização occidental, uns serão eliminados; outros entrarão modificados, corrigidos ou interpretados á luz de um ideal da Verdade, que os olhos fatigados, os espiritos enfraquecidos, as almas doentes da geração actual são incapazes de perceber. Olhos fatigados pelo estreito horizonte que insistentemente perscrutam, espiritos enfraquecidos pela duvida que tortura e ensandece, ou pela negação que entenebrece e mata, almas abatidas e gastas que a descrença e o desanimo vão lentamente fanando; porque os dogmas da sua fé são as affirmações da sciencia humana, e a sciencia é contradictoria e incompleta; ella descreve a apparencia dos phenomenos, a grande realidade lhe escapa; as cousas têm um sentido occulto e maravilhoso que a razão do homem, entregue a si mesma, não pode desvendar; a natureza é sobrenatural.

Para ter a visão radiante do Absoluto, penetrar na mente divina, palpitar de commoção sobrehumana na contemplação deslumbrante da gloria de Deus, que é o esplendor da Verdade, é preciso dispôr, não da mesquinha e pretenciosa sciencia dos sabios, mas da inexcedivel elevação moral, da incomparavel virtude dos santos. Assim se explicam os raptos, os extasis em que as suas almas sublimes se enlevam, as acções miraculosas que lhes são attribuidas, e que não são outra cousa sinão o exercicio, a applicação dessa Sciencia Perfeita com que, por meio delles, Deus se tem revelado ao homem.

Um vasto cyclo da vida da humanidade está a encerrar-se; o grande seculo em que entramos, seculo de reacções violentas que o quebrantamento da fé, o declinio do sentimento religioso, o obscurecimento da ideia de Deus nas almas, fazem necessarias, inicia a era final.

A anciedade que faz offegarem todos os corações, é disso um symptoma evidente; sente-se a urgencia de uma solução definitiva, de um clarão da Verdade, que illumine os espiritos, e ponha termo a esse estado de duvida que os tortura. A sciencia se revelou para isso impotente; ao preceito divino do amor do proximo ella substituiu o dogma infernal do *struggle for life*; e os resultados os tristes resultados desse criterio immoral e dissolvente, ahi estão se fazendo sentir na decomposição do organismo social.

Mas as nuvens se agglomeram; a primitiva tormenta purificadora já desabou.

Nesse céu do Oriente donde pela primeira vez se irradiou sobre o mundo a luz da verdadeira civilização, vibram os raios, o trovão ribomba; sobre essa terra da Asia, que das alturas do Pamir e do Himalaya viu correrem para o Occidente as primeiras torrentes d'aguas fecundantes, um sacrificio de expiação se celebra, o sangue espadana, hecatombes humanas succumbem. Duas raças se empolgam num duello fascinante de morte, suppondo obedecer ao proprio impulso, movidos por uma intenção de dominio, de supremacia, mas desempenhando, na realidade, uma tarefa grandiosa de regeneração e reconstrucção social.

Em torno dos gigantes que luctam; a Aguia moscovita, agitando fremente aos primeiros golpes as suas azas colossaes— a immensa planicie européa de um lado, do outro a immensa planicie asiatica, presas ás vertebras titanicas dos Uraes— e o Leviathan japonéz, arremessando ás nuvens as ondas revoltas dos mares orientaes, e varrendo com a cauda formidavel penhascos e montanhas, a Europa estupefacta treme de anciedade. E' que ella sente, vaga e indefinidamente talvez, que são os seus propios destinos que alli se resolvem. Por todos os lados transborda sobre o continente asiatico a civilização do Occidente. Russia, Inglaterra, França, Allemanha, Estados-Unidos, o envolvem e penetram; e quando naquelle solo profundamente revolvido pela charrua a que a Providencia jungiu os dois leões que ora se dilaceram entre rugidos, proliferar a nova semente, o Occidente que ahi plantou verá com assombro surgir uma outra arvore da Vida, a cuja sombra se abrigará confiante e de cujos fructos virá a regeneração.

Na era nova que desponta, oh abençoada terra brasileira, que destinos serão os teus sinão os que te annunciam os bellos fastos da tua historia, a indole carinhosa, o espirito alado de teus filhos? Tiveste sempre o culto do Direito, da Verdade, da Justiça; para mantê-lo derramaste, não uma, mas muitas vezes, o teu sangue no proprio solo e na terra estrangeira.

A tua espada se desembainhou, limpida de espontaneidade e desinteresse, para abater a tyrannia e salvar a honra de povos irmãos que te foram ingratos, porque te invejavam; esqueceste a ingratidão, perdoaste a calumnia, soubeste ser sempre generosa e magnanima. Nunca o forte insolente e brutal te amedrontou ou fez tremer; foste sempre activa e digna.

Coroaste de flores o escravo redimido, e, sentando-o á meza entre os teus outros filhos, déste-lhe a consagração da tua benção; não procedêram assim as outras nações, as soberbas nações do mundo, que só quizeram ver o stigma do opprobrio nos vergões do açoute com que ellas mesmas o victimaram.

O magestoso edificio da tua nacionalidade, que, calma e silenciosamente vais erguendo sobre essa immensa superficie da terra com que a Providencia te aquinhoou, não terá nos seus alicerces, para enfraquecê-los, a carne e o sangue dos outros povos; contrahiste essa obrigação para contigo mesma, quando aboliste o direito de conquista, e a incluiste entre os canones da tua Lei; por isso elle será eterno.

E Tu, Cidade bem amada, corôa desse monumento, como te vejo surgir radiante e bella dentre as nevoas douradas de um horizonte longinquo, no meio de projecções de luz cambiante, num clarão resplandecente de aureola! Ante os meus olhos deslumbrados passam como

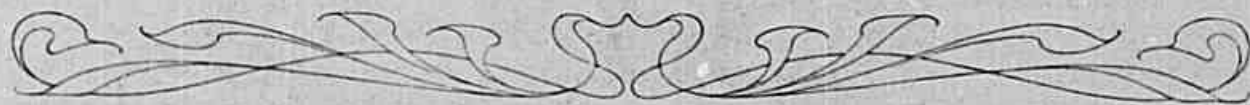
numa visão de Isaias, pyramides do Egypto, templos de Thebas, palacios de Persepolis, Parthenons, Colyseus, a mole portentosa dessa lendaria Babel—o templo das sete espheras do mundo—e, sob a cupola desse firmamento em que, a constellação symbolica do Cruzeiro preside aos teus destinos e traça o teu horoscopo, o gigante que, desde seculos immemoriaes, repousa sobre os cabeços das tuas montanhas, ergue-se magestoso e forte, e te aponta á contemplação extatica do Universo!

Tu serás a desejada das gentes, a invejada das nações, a mais bella das cousas creadas; e derramarás sobre as gerações por vir aquellas ondas de luz com que ainda hoje fulguram em nosso espirito Troia, Memphis, Ninive,

Babylonia, maravilhas da antiga Idade, a cidade Santa de Jerusalém, e Tu, Roma immortal, que, depois de haveres avassallado o mundo no arremesso oceanico das tuas legiões, espargindo sobre as terras barbaras as sementes da civilisação, arvoras, ha mais de dezenove seculos, sobre as margens sagradas do Tibre, o labaro rutilante da Fé, a fronte augusta envolta no nimbo glorioso que sobre Ti dardejам os sete candelabros apocalypticos flammejando para o Céu, no alto das tuas sete collinas, como um altar erguido pela Humanidade ao Verbo Divino!

Agosto—1904.

J. C. DE MARIZ CARVALHO.



O SALÃO DE 1904

É difficil fazer-se uma classificação dos trabalhos do actual Salão, e a não ser por uma demasiada boa vontade ou um snobismo perdoavel, por inoffensivo, talvez escorrido em moldes galantes de um viver menos rude que o costumario, poder-se-ia dividir os expositores em grupos d'escolas e determinar-lhes, com visos de acerto, as tendencias esthéticas.

Mas, se as notas, por ventura justas, de um rabisca-dor de chronicas, habitualmente desageitadas e preten-ciosas, obtiverem attenção de alguém e da sua emissão se derivar conceito, direi que, nesta exposição como nos anteriores Salões, só encontro pintores de figuras e pai-zagistas, porque na maneira de interpretar os assumptos e de os fixar a egualdade é quasi completa, com des-conto das habilidades.

D'ahi, pois, um limitado modo de vêr, que se restrin-ge ao merito individual de cada expositor, e que se irá desdobrando na ordem estabelecida pelo registro das impressões.

Começarei pelo professor Amoêdo. O escriptor illus-tre das Notas de Arte do *Jornal do Commercio*, o sr. Carlos dos Santos, já notou que esse artista, de um tem-po a esta parte, préocupa-se mais com o processo ma-terial de pintar que com os themas de pintura. E' uma observação exacta, mas, por se lhe conhecer este fôro, não se lhe deve carregar na censura, porquanto o rebus-camento do grande artista, que é dos que mais honram a nossa pobre Arte, tem um alcance de alta valia deante da rapida perecibilidade ou transformação dos materiaes modernos. O nosso pinacotheco conserva quadros c.ae, contando poucos annos de existencia, mudaram de côr, entre esses alguns do professor Amoêdo, os quaes, se não perderam todo o seu brilhante colorido, soffreram consideraveis modificações nos tons.

Com esse notado rebuscar terá o illustre mestre acer-tado? Não sabemos, nem elle proprio o affirmará. Ver-dade é que a pintura a ovo, que ora nos apresenta, essa

captivante, essa bellissima *Captiva* que nos surprende e nos immobilisa em contemplação, parece assegurar um vantajoso substitutivo do oleo. A volupia da epiderme, a nuança quasi imperceptivel dos tons da sombra para a luz, a delicadeza da coloração quente d'esse corpo moço de mestiça, que ali temos, desnudado da cabeça á cinta, e que a posição frouxa do descanzo assentado mais dif-ficulta a verdade do modelado, o artista venceu admira-velmente por um processo que illude, que reproduz de modo incomparavel.

A maciez dos seios turgidos, tão fina, tão nitida que desafia o tacto, a anatomia dos hombros, o flacido peso do ventre e a perfeição da cabeça em que reluzem to-ques claros de sol, sendo marcas dos pinceis do mestre, parecem ganhar por essa tinta uma vida mais intensa, a que o brilho dos vermelhos do fundo e do panno do regaço realçam com o vigor dos celebres vermelhos fla-mengos.

Tal processo, feito por quem tanto sabe, é incontes-tavelmente magnifico, mas, quanto á sua durabilidade, só o tempo a poderá provar. O que é exacto é que a pro-cura do processo nos offereceu a oportunidade de admirar uma obra inestimavel, cuja diminuta dimensão mais delicada, mais deliciosa, mais bella torna a figura pela perfeição do acabamento, desde os valores, o dese-nho anatomico da forma, a verdade da côr, até a ex-pressão da cabeça, onde ha um quer que seja de indife-rença e orgulho, de passividade e ousadia.

Mas, não se limitou o professor Amoêdo á pintura a ovo, rebuscou a restauração da *encaustica*, por seus dous processos—a pincel e a ferrô. E d'esses dous modos ex-põe a *Oração*, que é do primeiro e uma cabeça-retrato, do segundo.

A *Oração*, que reproduzimos com estas linhas, é um busto de rapariga elegante em contraste com a claridade d'uma vidraça a que se encosta.

Não tem a posição commum das rogadoras, é uma original postura que se coaduna com o titulo pela ex-pressão do rosto.

Opposto á claridade da janella, todo o seu busto está n'uma penumbra em que se estabelece a finura dos

tons macios, em verde brando, de suas vestes á moda. A cabeça, que se lhe inclina á esquerda, sobre as mãos enclavinadas ao de leve, lindas mãos aristocratas que algo recordam a *Marcha Religiosa* de Edmundo Flan-court—a cabeça, tem uma dulcissima expressão de prece, de religião elegante e alliviadora, em que o balbucio da *Ave, Rainha!* se exhala d'uma bocca perfumada a Tsen-Tsen... E de luz, como uma caricia ou um soccorro que lhe chega, apenas um beijo sobre o contorno oval da face, sobre a pálpita narina esquerda e no semicirculo da trunfa dos cabellos, contornando-a, como um halo, em revés

Esse processo, porém, se nos apresenta muito *secco*. Não possui o avelludamento do pastel nem a tonalidade pastosa da pintura a ovo. Os vermelhos, sobre tudo, ganham com elle uma resistencia aspera de argila resequida, como se nota na cabeça-retrato. Na *Oração*, seja pelo recurso do meio tom e pela ausencia de vermelhos francos, seja pelo recurso dos pinceis, essa dureza não se accusa tão insistente.

O oleo, e tambem o ovo, dão resultados mais seguros, reproduzem melhor a realidade. De mais, o oleo é um processo que attingiu a maxima vulgarisação, é o material commum, que se maneja desde as primeiras pinceladas.

E é por isso que os cinco retratos apresentados pelo professor H. Bernardelli não fazem o amator vacillar, impressionam-o logo ao relance dos olhos. O do pianista Arthur Napoleão e o do pintor Modesto Broccos, apesar de me não ser possivel garantir a exacta semelhança com os originaes, tem todas as qualidades das obras completas. O primeiro, sobre a excellencia da pintura, é um rico trabalho audacioso pela massa negra, formada pelo piano e pela roupa do retratado, donde se destaca a cabeça viva, extraordinariamente animada do velho magico do teclado. A expressão do seu olhar deve ser aquella, porque toda a realidade vive naquella pupilla do seu caracteristico perfil. E o mesmo pôde se dizer de todos os outros, d'esses maravilhosos transportes do real para a tela, que são a prova do soberano dominio da palheta em que as tintas se transmudam em sangue, em epiderme, em ossamenta, em alma, com que o artista recompõe na imagem o que vê e o que quer.

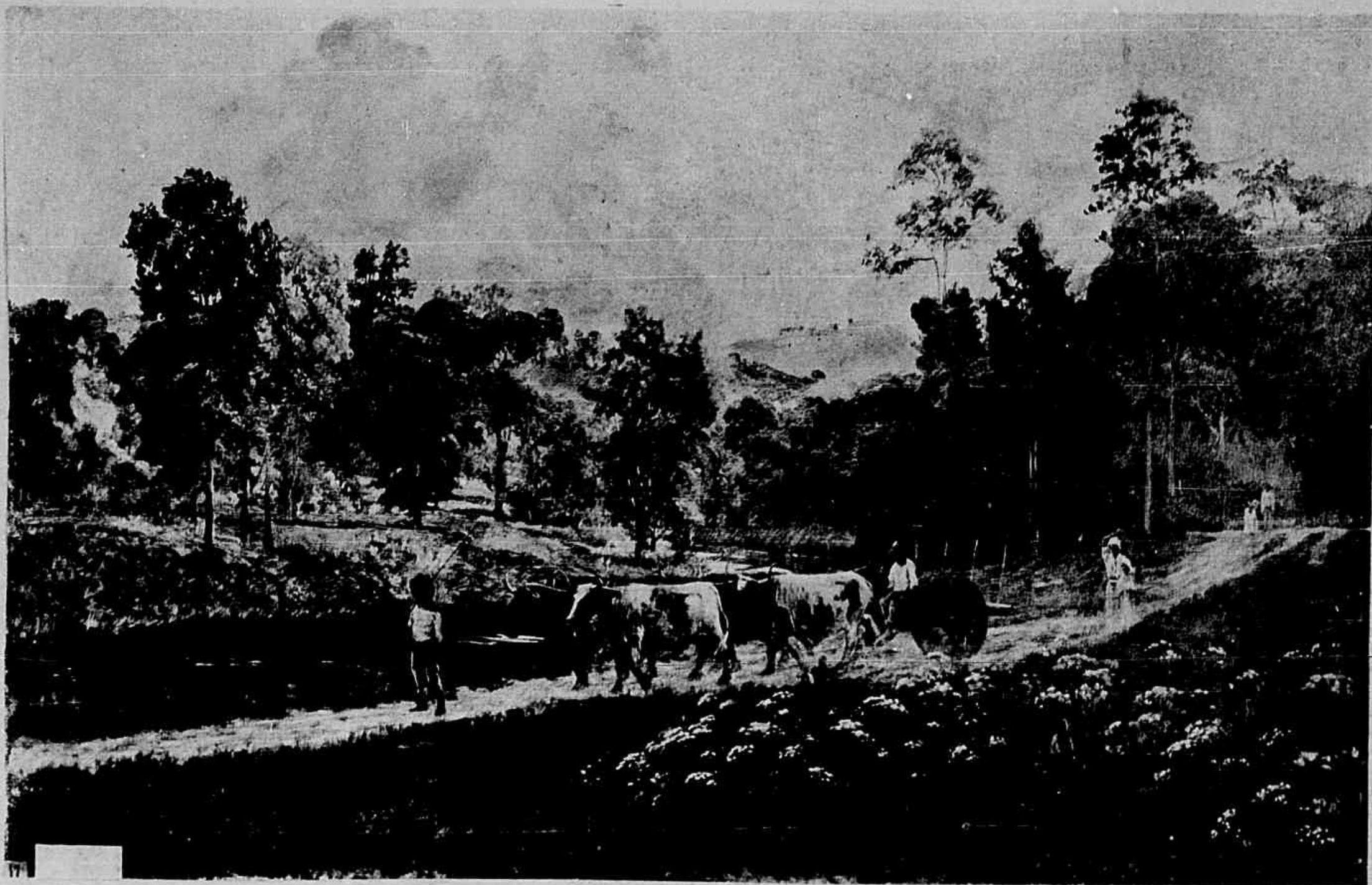
Não obstante considero-o um mestre, e prezal-o com toda a admiração que o seu talento me desperta, não posso calar a estranheza, que me alfinetou, de sentir o bello retrato de Mme. O. L. fóra do ambiente, como se o accessorio paizagenado, que o cerca, não lhe tivesse servido de local.

Na paizagem e mesmo, diremos, nesta exposição, a par dos dous mestres da

pintura brasileira, quem mais attráe os olhos do visitante e lhe põe exclamativas encomiasticas no cerebro é João Baptista, o já conceituado pintor da nossa natureza, com seus oito trabalhos e, especialmente, com o seu grande quadro—*Fim de Jornada*.



PROFESSOR R. AMOÊDO — ORAÇÃO



JOÃO BAPTISTA

MEDALHA DE OURO

FIM DE JORNADA

A caracterização da nossa paisagem, a que elle nos acostuma, e que seus pinceis dia a dia vão conseguindo fixar da maneira mais impressionante, esse inconfundível, por ser híbrido, sentimento de força e de melancolia que resumbra da natureza por elle interpretada, e ao de mais o brio, a luminosidade de suas tintas, fundem-se nesse quadro, e d'elle fazem uma bella obra de verdade e de arte. E' l'he assumpto a primeira hora do crepusculo vesper, momento em que o dia começa a se diluir, brandamente, n'aguatinta violeta da noite para o negrume ciciante das deshoras. Do céu, de azul esmorecido, cáem os ultimos lampejos do sol, que illuminam, obliquamente, em rasgões d'estertores, arvores, acclives verdejantes de terreno, afastados fôfos de capoeira, algodamentos nublosos do horisonte que, á luz d'emvez, se tingem de roseo quente e lilaz intenso. Jorrando em transversal, d'alto para baixo, a escambante luz deixa em tenue penumbra rôxa o extenso primeiro plano do quadro, onde rasga o verde da rama rasteira o filão chato e largo da estrada. E lentamente, com o fixado movimento tardo das fadigas, passa a carrada chiante dos bois, a que o allivio do peso faz apenas ringir no esboar dos socalcos e nos solavancos dos pedregulhos. O *candieiro*, de varapau no hombro, vae norteando as duas *juntas* ruminantes, e o carreiro, moído das estafas, descança no lastro da carrada, que venceu d'um salto e onde se pojou sobre o rebordo, do qual l'he pendem as pernas quasi n'as, cruzadas, em abandono característico. Sobre o sulco das rodas, vem descendo a gente do trabalho, a velha negra, de samburá ás costas e, ao seu lado, a netinha mulata que começa a l'he ajudar na lavoira, a filha, o genro, toda a familia que luta pelo sustento, arrancando á terra o preciso á vida... E no fim da estrada a porteira fechou-se. O dia é findo. Do telhado emerge das frondes d'um recanto evola-se o fumo subtil da lareira, o descanso chegou e já ao fundo, para alem dos marcos da morada, o capoeirão florente de *quaresmas* e ipês, se densa em mysterios de quebradas, aromatizando com o suor acre de suas resinas e o transudo aphrodisiaco de suas folhagens toda a varzea em silencio...

Essa magnifica paisagem tem o poder emocionante da hora e prende o olhar de quem a nota, fixando-se l'he na camara optica, e l'he dando o interesse da natureza por um descer de tarde, sob a incomparavel poesia dos campos que a alma recebe com um largo, um imenso hausto de consolo e pureza.

Sobre este merito ella reproduz bem approximadamente o caracter da paisagem fluminense—a roça—que não é o bravio sertão nem a matta-virgem, mas um meio termo entre o villarejo e a floresta, intermedio á cultura de uma civilização meã e á rusticidade fecunda da natureza livre, onde o homem é o que ali está representado naquelles figurinhas, gente simples de trabalho, produzindo a lavoira como as arvores do pomar produzem os fructos e como essas, quasi identicas a ellas, vivendo da Terra, amando-a, tomando-l'he a côr, e bem notadamente tambem os aspectos, e sendo, em verdade, seu producto tão legítimo como os seus vegetaes!

Esta conseguida qualidade, já notavel, de reter na t'ela a feição da nossa pittoresca paisagem (a do Rio, São Paulo e Minas) está constatada em todos os demais quadros de João Baptista reunidos na exposição de hoje, e dentre elles destaco o de n. 19 (Copacabana) e de n. 15 (Banguinhos) que são bellos.

* *

Como sempre, a paisagem está largamente representada e tem, no actual Salão, o primeiro lugar pela qualidade.

O conceituado sr. Bruno Treidler expõe uma *Manhã de Sol* que não faz esquecer as suas aquarellas, ao contrario, augmenta-lhes o merito porque, nesse indicado quadro, o perito manejador das *manchas* perdeu a precisão dos *valores*. O sr. Jorge de Mendonça, um novo, alcançou uma das menções honrosas com a sua *Pedra do Mirante*, realmente digna disso pelo vigor da pincelada e pela observação da côr. Com uma boa impressão intitulada *Pela tarde* apresenta-se o sr. Augusto de Freitas, e o sr. Evencio Nunes nos offerece aos olhos uma bem desenhada paisagem de n. 76, porem mal attendida, como pintura, no primeiro plano é uma *Lavadeira* que, pelas dimensões do regador, deve ter dilatada freguezia e rijo pulso para a lucta romana, não obstante o cuidado que o probo artista dispensou á figura e a alguns detalhes do quadro, que me parece demasiado minucioso. Essas observações, porem, não desmerecem seus dotes de artista consciencioso e bom colorista.

Do sr. Dall'Ara vi uma apparatusa brigada de côres, em parada, com pretensão a paisagem; o que contrasta com a sobriedade da palhêta do sr. Luiz Ribeiro, que é um attento trabalhador. O sr. Araujo Fróes teria conseguido um bom quadro com o *Caminho da igreja* se não fosse amaneirado, e o sr. Eduardo Bevilacqua, que está se fazendo um forte artista, tambem impressionaria melhor se não ennegrecesse tanto as suas paisagens.

Entre os expositores apparecem o sr. Honorio Esteves com um interessante estudo da *Estrada da Jurujuba*, e um consideravel grupo de senhoras ou senhoritas.

As senhoras... (Como eu implico com esta palavra, neste particular! E' fôfa, tola, convencional. Tem alguma cousa de pieguice e muito do ranço da burguezia aristocratisada. Porque não dizer mulheres, que é uma palavra dignificadora?...). As senhoras—vá lá, repetirei—que se exhibem na paisagem e outros assumptos a oleo, devem ter desvanecido seus mestres, porque, sinceramente, merecem elogios.

A sra. Eulalia do Nascimento (discipula de A. Parreiras) tem um recommendavel estudo de interior de igreja, em que a prespectiva planimetrica foi vencida com grande habilidade, attenta, como deve ser, a monotonia d'esse interior todo branco, sem uma violencia de côr; e se não fosse um exquisito, desengonçado ou esparramado genuflexorio, que um mão instante l'he fez collocar ao centro da nave, teria obtido um magnifico estudo. Ainda assim é bom. Compensam essa pequena infelicidade seus quadros—*A Ponte, Na roça* e a paisagem de n. 75, que são muito bem estudados. A sra. Irene Ribeiro (discipula de R. Amoêdo) trocando a paisagem pelas fructas e pelas figuras, expõe um agradavel retrato de Mme. L. L. e a sra. Nina Santoro (discipula de M. Bróccos e R. Amoêdo) tambem um bom retrato. Da sra. Angelina de Figueiredo (professor A. Parreiras) ha um attendido estudo com o titulo *Nossa casa*, e, com dous trabalhos, apresenta-se a sra. Marietta de Figueiredo (professor A. Parreiras) sendo um delles, o *Portão de nossa casa*, cuidadosamente estudado, mas intelizmente prejudicado pelo desazo de uma tinta neutra, creio que sombra de Cassel, que alforta o primeiro plano, á esquerda, tornando-o desagradavel e falso.

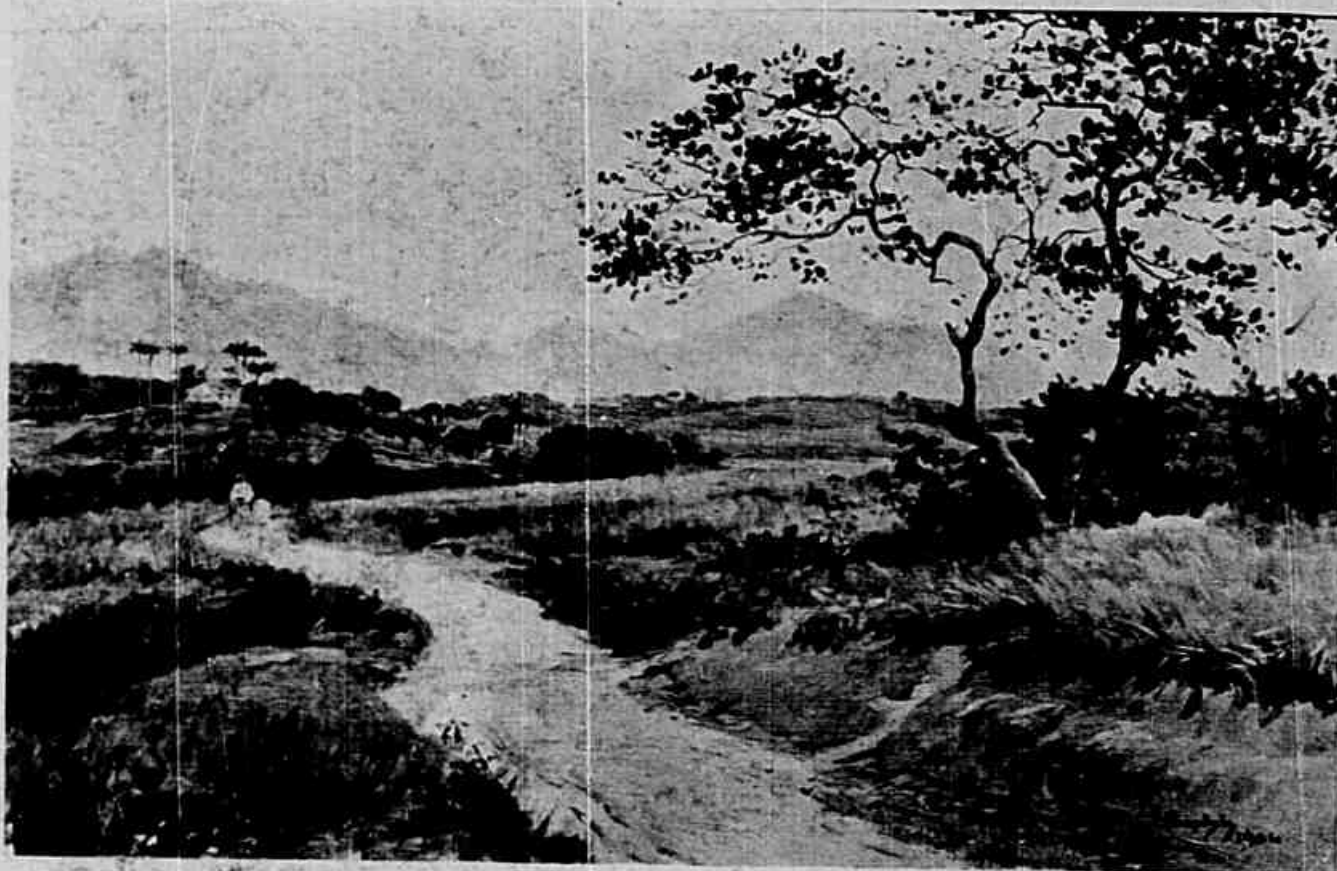
* *

Eliseu Visconti, que é um dos mestres da nossa pintura, por falta de tempo ou pela molestia que o levou á

Europa, concorre com poucos trabalhos e de restricta importancia. Em pintura a oleo apenas dous estudos de cabeças, feitos com a delicadeza de sempre e com aquella frescura de ambiente a que nos acostumou nos seus *ar-livres*.

O sr. Teixeira da Rocha expõe duas paizagens, a de n. 202—*paizagem com figuras* (Villa Isabel) e a de n. 201, *paizagem com cabras*—segundo a singular denominação do catalogo. Prefiro a primeira pela luz, pelo ar e pela côr. A segunda é um tanto compacta, como pintura, posto que bem desenhada.

Na maneira d'esse artista encontro excesso de detalhes que, não raro, lhe dá aos quadros um quer que seja de pontilhamento, de *mouchisme*, como dizia o infeliz symbolista Aurier. As suas paizagens, essas que estão no Salão, e outras que elle tem exposto, apresentam-se muito *cortadas*, muito *crystalisadas*—dizei—se o termo pôde ser bem apprehendido na sua acepção. O que nelle



J. BAPTISTA — ESTRADA DA ESTAÇÃO (MANGUINHOS)

mais se recommenda em primeiro lugar é a côr, pelo que respeita á pintura, e depois a fidelidade detalhista pelo que tóca ao desenho.

Essas duas qualidades melhor são aproveitadas nos seus quadros de genero, como esse de n. 199 (interior com figuras—*sic*) cuja composição é bem feita, o que nem sempre se nota nos nossos pintores de costumes. O grupo de quatro figuras, de que se compõe o quadro—uma moça mãe tendo ao regaço o filhinho novo, e rodeada de dous adolecentes—é *arranjado* com habilidade, consegue interessar pela expressão de curiosidade que inculca, porquanto se forma para escogitar, atravez uma larga vidraça, qualquer scena que se passa fóra. Com esses quadros o sr. Rocha expõe tambem um painel ou, como explica o catalogo—*panneau* decorativo—sob o titulo *Inspirado*, em que ha felicidade d'expressão. É um busto de menino em perfil, que ergue a dextra armada d'um pincel para fixar uma imagem na téla. O conjunto pela côr, e pelo accessorio, é agradável, corresponde ao intento do trabalho.

O professor Modesto Broccos, em pintura a oleo, só expõe um quadro intitulado *Scena Domestica*, pintado com o saber que todos lhe reconhecem, mas despojo de interesse esthético. Pôde ser que lhe não falem admiradores, e até entusiastas!... eu, por mim, é que lhe não baterei as palmas nem aos que o copiarem, pois, sobre achar fria, desageitada e banal essa *Scena Domestica*, não comprehendo o deleite que á esthesia de um artista poderá dar semelhante collocação de figuras, a que falta visivelmente naturalidade, e fálha a composição do assumpto.

Essa maneira foi usada por Almeida Junior, que havia perdido as excellentes qualidades técnicas da estréa para se transformar num pintor *pastoso*, amaneirado e duro. Obteve, porem, successo e não pequeno. Chegou a fazer discipulos. Mas, considerada a nossa incultura esthética e essa intermitente pretensão de fundamentar uma arte nacional com a pintura de costumes, o exemplo poderia ser acolhido, e attenuado pelo apuro educativo dos novos artistas.

Agora quem lhe segue a traça, sem se preocupar com a correição do principal defeito, é o professor Broccos e na *Scena Domestica* tem mais uma infeliz tentativa, como já teve nos *Filhos de Cham*, não obstante seus reconhecidos meritos de pintor e desenhista.

Tambem com um quadro de genero evidencia-se no Salão o sr. Rodolpho Chambelland. Esse não é professor nem é ainda um artista livre dos conselhos de mestres, mas a sua *Noite de espectáculo* possui composição e, sobre ser um esforço técnico de effeito a duas luzes artificiaes, tem o encanto do assumpto eurythmico. Descontadas algumas pequeninas precipitações de neophito, entre as quaes o exaggero illuminado das portas ao fundo do quadro e o *enluaramento* da luz electrica que lhe escapou em parte, são tantas as suas boas qualidades que bem merece a importancia obtida.

O seu desenho, que se vae accusando d'uma firme elegancia, sobre tudo no que respeita á composição, dá-nos nitidas e movimentadas figuras que a palhêta completa. Ha nesse quadro effeitos muito bem reproduzidos, como o da lanterna do *coupé* sobre as costas do cocheiro e nas ancas dos cavallos, e em tudo um capricho, um asseio de pincel que o recommendam para o futuro, posto que, desde já, se lhe possa predizer uma certa tendencia para o *chic*, como esse assumpto indica e como ainda se observa no bom retrato a pastel exposto sob o n. 48.

O sr. Lucilio de Albuquerque, que ha de ser outro artista de amanhã, expõe dous pasteis e dous quadros a oleo, sendo d'esses um bonito retrato de senhora, tratado com largueza no busto e louvavel minucia na cabeça.

O sr. João Macedo (premio de viagem, 1900) entre algumas paizagens observadas com cuidado expõe uma *Porangaba*, inspirada em Juvenal Galeno, cujos versos estão transcriptos no catalogo.

Em um fundo de paisagem e no centro do quadro, deitada sobre a relva, uma cabocla de face pendida ao chão, em attitude acabrunhada.

Ha alguns annos que os nossos pintores não se lembravam dos caboclos, vicio implantado pelo indianismo de Gonçalves Dias e Alencar.

Escreptores d'outra geração, que se occuparam de bellas artes, nomeadamente Aluizio Azevedo e Urbano Duarte, fizeram-lhe troça; e já me não recordo quem foi que disse ou escreveu que o caboclo, em pintura, era como o sabiá na poesia, sujava o assumpto.

Não serei dos mais adversos ao caboclo como assumpto pinturesco, não o considero menos esthético que o *caipira*; ao contrario, por sua nudez póde ser boa *academia*, desde que não falte talento ao artista para saber

usar de caboclos, machos ou femeas, porque da sua arte, sr. Macedo, esperamos cousa mais meritoria.

Raramente os que produzem muito são os que melhor trabalham, e é o caso do sr. J. Fernandes Machado (premio de viagem, 1901). O sr. Machado apresenta uma grande quantidade de quadros, sendo um delles de grandes palmas — *Christo curando um paralytico*.

A pintura do sr. Machado me parece apressada, falha de emoção e por demais commum. Da numerosa obra exposta apenas destacarei a *Primavera (Bois de Vincennes)* e o de n. 129 (*Repouso e estudo*) que nos deixam alguma impressão.

E' de lamentar-se que, este anno, dous originaes artistas como são Heitor Malagutti e Helios Seelinger estejam tão mal representados! A Malagutti faltou a resigna-



R. CHAMBELLAND — NOITE DE ESPECTACULO — MEDALHA DE PRATA

collocal-o no quadro. Mas, o que devemos exigir, é que o caboclo seja realmente caboclo e não se pareça com os selvagens dos romances nacionaes, que aprenderam rhetorica em artinha de padre-mestre. Ora, todos os pintores que têm tomado por thema esse bicho humano, que é o caboclo, não se dão ao trabalho de o reproduzir talqualmente elle é; fazem-no de cera da terra ou de barro cozido, argamassam-no consoante suas proprias habilidades de artista e seus recursos imaginativos. E d'ahi uma caboclada pelintra, rebolante ou escanifrada, que nos desafia a ponta dos botins.

O sr. Macedo incidio no mesmo typo, cahio no mesmo erro, e nem siquer nos fala á alma pela melancolia do quadro como o velho sr. Medeiros com a *Iracema*, que o pinacoteo conserva. Se o sr. Macedo é moço cordato, e bem intencionado, pedimos-lhe o obsequio de se dei-

ção de se subtrahir ao certamen artistico, ao Seelinger uma boa amisade que o aconselhasse.

* *

AQUARELIAS — A' parte os professores H. Bernardelli, Broccos e Treidler, que expõem trabalhos já conhecidos na ultima exposição dos *Aquarellistas*, notei duas finissimas aquarellas do Elyseu Visconti, *Leitura* e *Paizagem*.

A primeira é um delicado estudo de cabeças adolescentes que attendem a um livro, a segunda uma boa manhã de sol entre nevoas, feita com o asseio de colorido e a funda emoção que caracteriza esse grande, forte, original artista.

As senhoritas Cunha Vasco (Anna e Maria) não perderam a oportunidade de exhibirem seus conscienciosos

trabalhos de estudiosas paizagistas, onde as recommendáveis qualidades do professor Treidler vão sendo, progressivamente, assimiladas por duas naturezas dotadas d'alto instincto esthético. E não lhes teço elogios por urbanidade ou deferencia ás prerogativas do sexo, pois não conheço taes prerogativas em letradas, literatas e artistas, alem da minha razão se oppôr a todo o transe aos salamaleks da cortezia quando o dever me reclama a opinião.

O sr. Luiz de Freitas é tambem expositor de aquarellas, e são de suas mãos trabalhadoras o *Jogo da Marra* e o *Escrivão Publico* que nada perderiam se tivessem mais um pouco de vigor.

* * *

ESCULPTURA—E' pobre, é pauperrima, mais que isso—é desalentadora a escultura no Salão d'este anno.

O professor R. Bernardelli apresenta num pequenino bronze o retrato do Dr. G., de que nada se póde dizer,

attendendo-se á extraordinaria técnica do artista, que é inexcedivel nesse genero, e á nenhuma qualidade de composição do trabalho.

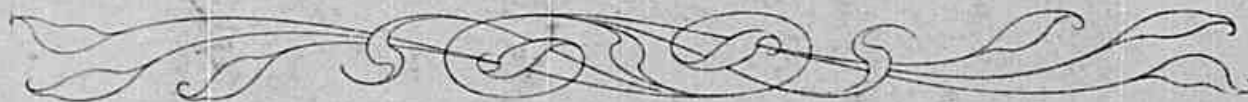
O sr. Amadeu Zani (de S. Paulo) expõe dous pequenos bustos, retratos do Dr. Prudente de Moraes e do senador M. B., e um baixo relevo em bronze, todos tratados cuidadosamente.

E Corrêa Lima, o emocionante escultor da *Mater Dolorosa*, o vigoroso artista do *Velho Pagé*, do *Prisioneiro* e do *Caim*, tres pequenos e admiraveis bronzes, apenas nos apresenta um gesso sob o titulo—*Menino*—que só poderia recommendar o nome de um principiante.

E' desalentadora a escultura, neste Salão!

Setembro de 1904.

GONZAGA DUQUE.



O MEZ NO THEATRO

O mez ultimo foi para o theatro o fim da *season*, da estação em que chegam as companhias estrangeiras e o carioca, de luva de pellica e peitilho reluzente, applaude as notabilidades de além-mar com a illusão de que ainda ha arte dramatica no Rio, é assediado por innumeraveis cartões de beneficio, e paga tudo achando o inverno um regalo superior.

Os empresarios haviam annuciado pelos jornaes a *tournee* de artistas celebres e, á ultima hora, tudo mais ou menos gorado, a *season*, que se predizia magnifica, quasi falhou. Zaccone, decididamente aterrorisado com a serodia propaganda dos argentinos contra a endemia da febre amarella, não quiz vir senão por um contracto fabuloso que era quasi o preço da sua preciosa vida; o grande Novelli, ora em Buenos-Aires é quasi certo não vir, e Coquelin e Rêjane, a principio annunciados não passaram de um *bluff*. O inverno teve a rapida apparição de Loïe Fuller e da impressionante Dièterle numa companhia em que estavam deslocadas, o transformista Aldo, antigo creado do Fregoli, um concerto de Sains-Saëns, concerto do sr. Lavallo com o concurso de Sains-Saëns, como dizia o programma—o rapido vôo de algumas aves de arribação com rotulos francezes e inglezes, as companhias portuguezas e a lyrica.

Estas tres ultimas fizeram propriamente a temporada, associando-se de qualquer fórma á nossa arte.

A companhia Eduardo Victorino trouxe um elenco de primeira ordem, do qual faziam parte Angela Pinto, Ma-

ria Falcão, Ignacio Peixoto, Luiz Pinto e um repertorio muito moderno e muito fino.

A precipitação na montagem das peças nem sempre permittia um desempenho exemplar. Não era porém possível ser de outro modo. A platéa não supporta mais de oito dias um drama litterario no cartaz.

Glissez, mortels, n'appuyez pas...

O unico successo estrepitoso d'essa excellente companhia foi o descarado *vaudeville* do Palais Royal *As Pilulas de Hercules*, magnificamente traduzido por Arthur Azevedo e proclamado pela *réclame* dos jornaes como o mais eminente rival da cantharida.

A empresa do Apollo que exhibira no palco d'esse theatro um interessante repertorio portuguez de operetas, magicas compridas e compridissimas revistas, acabou por montar uma peça brasileira, a *Loteria do Amor*, que Coelho Netto e Abdon Milanez tinham ha annos na gaveta.

Os empresarios mostraram com isso ter muito mais espirito que as companhias nacionaes. Como é impossivel negar a Coelho Netto o fulgor do seu talento na chronica, no conto e no romance, ficou resolvido negarem-lhe geito para o theatro.

O poderoso drama lyrico *Saldunes*, a amarga philosophia do *Pelo Amor*, a *pochade* do *Relicario* não conseguiram fazel-o dominar a má vontade do publico, e se não fossem os amadores teimosamente resolvidos a nos dar, de vez em quando *Os Raios X*, ninguem se lembraria do autor do *Sertão* como autor dramatico. A *Loteria do Amor* com a sua louca phantasia, feita de ironia drolatica e de dialogos chispantes de malicia veiu dar mais uma vez razão á quadra celebre:

Trop de prevention ôte le jugement
On se prend de rigueur pour certains personages
Mais notre préjugé tôt ou tard se dement,
Et la verité perce à travers les nuages.

Se não fosse a verdade que seria de Pilatus ou de qualquer de nós?

Caso fosse possível tentar um resurgimento da nossa litteratura dramatica, Coelho Netto seria dos seus mais valorosos esteios. Mas não é possível. Chegamos a um ponto tal de descalabro por parte dos actores, de descrença por parte do publico e de cretinice, carrança dos empregarios que não ha auxilio nem esforços capazes da resurreição almejada. Nem o proprio Christo, com a voz que levantou Lazaro, poderia impedir a epidemia de revistas, nem o proprio dedo de Deus, segundo informações exactas, um grande dedo, conseguiria endireitar a velha barraca que, já agora com a moda, alguns artistas dignos, assestados por *serra-filas* de todo o jaez, chamam a nossa avenida dramatica.

Dos trez mezes em que tanto se esforçaram as empresas portuguezas, tem grande parte de successo e lucro a companhia lyrica.

O Lyrico é a nossa coqueluche esthetica. Ha no Rio cavalheiros que se julgariam deshonrados ao entrar num theatrinho da rua do Espirito-Santo e que passam nove mezes ouvindo as *grivoiseries* do Casino a espera das sopranos italianas. Seja por que preço for, as primeiras recitas são sempre de abarrotar! A companhia Milone fez uma proveitosa temporada, defendida como foi por Zenatello, Bonini, Burzio, Colamarini e pelo notavel maestro Armani. Como o commum de taes empresas, além d'esses artistas, a companhia tinha a encenação deficiente, os coros falhos, a orchestra fraca e um repertorio avelhado. E' sempre assim. Esta cidade de musicographos está atrazadissima no movimento musical. Os empregarios não se arriscam a trazer novidades, estream invariavelmente com a *Gioconda*, *Aida*, *Trovador*, *Ballo in Maschera*, reeditam as tres acclamadas operas de Puccini, a *Cavalleria*, os *Palhaços* e ficam por ahi. O grosso do stock lyrico resume estas operas e o *Guarany*, em recita de gala, no dia 7 de Setembro. Um verdadeiro pavor apoderou-se das empresas quando se fala de trabalhos novos.

—Hein? Não é possível! Uma opera nova? e arrasando o publico com um gesto de furia:

—Ainda este anno o *Trovador* foi cantado no Scala de Milão! Ainda o inverno passado, a *Traviata* obteve no Convent-Garden não sei quantas récitas.

Não se lembram elles que essas operas fazem parte dos grandes repertorios ao lado das ultimas produções e são cantadas por artistas de grande monta, com um conjuncto extraordinario, como a prova dos meritos inegualaveis de certas vozes admiraveis.

Isso não impede que os criticos—o conquistador, o pedante, o severo e o historia de elencos, como os classificava Camarate—emfiem a casaca e vão criticar, com toda a furia, o *cielo e mare*, a *donna é mobile* e a tristeza das prima-donas no duetto da *Bohemia*.

A companhia Milone só nos deu durante a temporada uma coisa nova, a adaptação scenica do oratorio de Berlioz: *Damnation de Fausto*, que foi o anno passado um acontecimento em Paris, cantado por Emma Calvé e Alvarez. Uns criticos acharam muito boa, outros muito má a interpretação da obra genial; o publico applaudiu contente por que afinal lhe davam o inédito e talvez, quem sabe? como uma recompensa a Milone que o fizera ouvir, ao lado de Zenatello, na partitura de Carlos Gomes, uma cantora quasi da nossa terra, a sra. Elvira Fontes, cuja formosura embevece, cuja voz tem a perfumada caricia das rosas. (*)

O *Guarany* é uma opera predestinada. Só por si fez a a reputação do Brasil musical, só por si deu a conhecer a muita gente a existencia de uma terra chamada Brasil. Talvez Carlos Gomes tenha na sua obra copiosa e inspirada paginas mais trabalhadas: a prothophonia do *Guarany* porém, quasi o nosso hymno, fez o que até hoje nem os diplomatas fazem nem o governo quer fazer—a propaganda do Brasil civilisado, culto e artista.

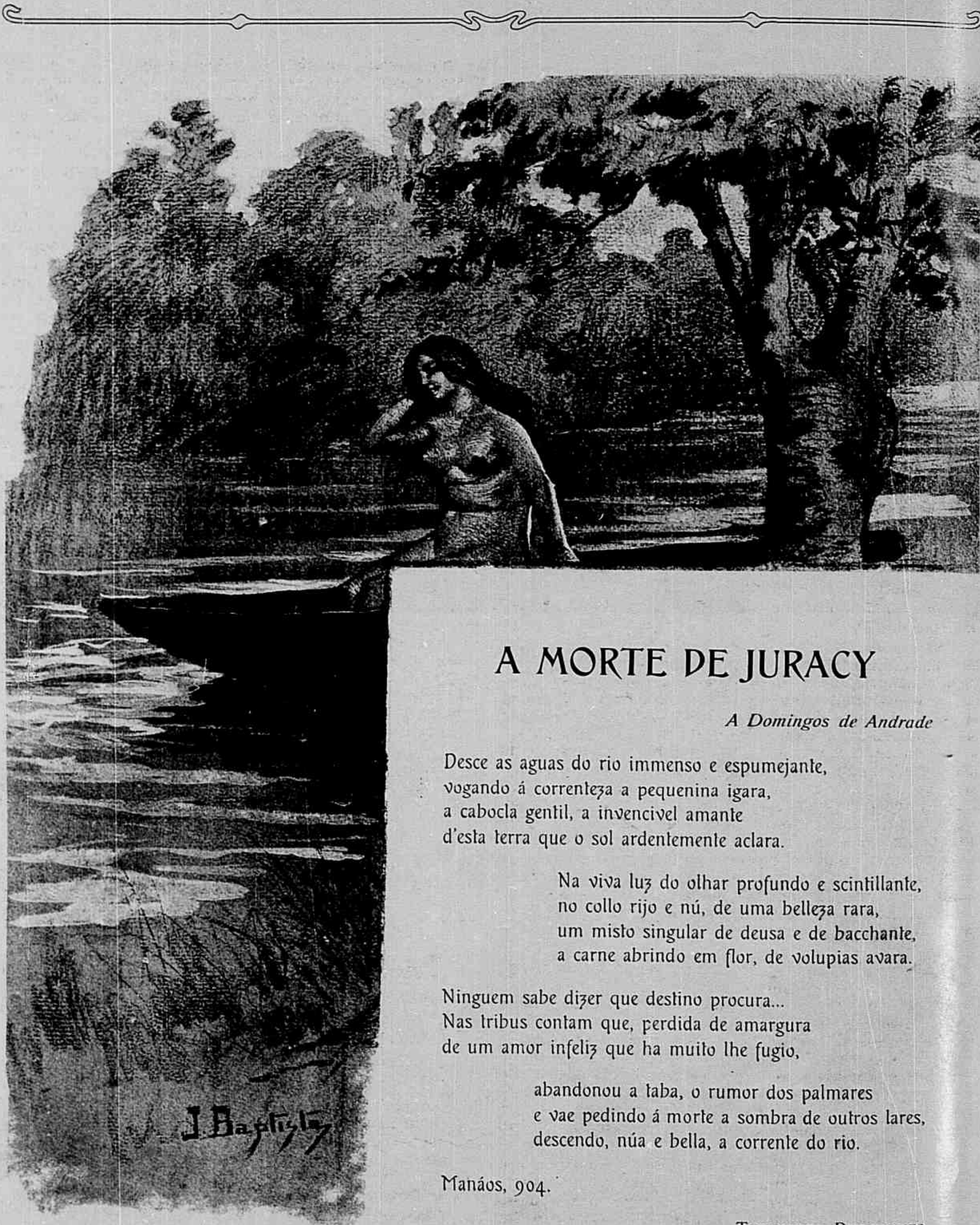
A essa gloria a afortunada opera junta aqui a de ser quasi sempre estréa de cantores nacionaes. Passado este inverno tão cheio de calor, de *flirts* e de vestidos bonitos, ha mais uma para o seu farto trophéu:—ter proporcionado ao publico a suave delicia de ouvir o lindo duetto de amor cantado pelo egregio Zenatello e pela sra. Elvira Fontes, que pela primeira vez mostrava cheia de enleio á platéa enthusiasmada o claro fio da sua voz, onde se aninham as melodias mais raras.



D. ELVIRA FONTES

JOÃO DO RIO.

(*) O retrato que publicamos foi-nos gentilmente cedido pelos Srs. L. MUSSO & C. proprietarios da Photographia Brasileira, recentemente inaugurada.



A MORTE DE JURACY

A Domingos de Andrade

Desce as aguas do rio immenso e espumante,
vogando á correnteza a pequenina igara,
a cabocla gentil, a invencivel amante
d'esta terra que o sol ardentemente aclara.

Na viva luz do olhar profundo e scintillante,
no collo rijo e nú, de uma belleza rara,
um misto singular de deusa e de bacchante,
a carne abrindo em flor, de voluptias avara.

Ninguem sabe dizer que destino procura...
Nas tribus contam que, perdida de amargura
de um amor infeliz que ha muito lhe fugio,

abandonou a taba, o rumor dos palmares
e vae pedindo á morte a sombra de outros lares,
descendo, núa e bella, a corrente do rio.

Manãos, 904.

THEODORO RODRIGUES.

MUSICA DE AMOR

SÓs estávamos na sala malva, a sala das recepções íntimas, das conversas leves em torno da meza do chá. Mme. de Souza, linda no seu *tea-gowre* côr de pecego, posava entre a trefega Mme. Werneck e a sisuda viscondessa de Santa Maria, e nós, eu e o barão Belfort, já tínhamos exgotado o ataque á musica italiana quando Mme. Werneck deu conta da sua ultima descoberta:

—O barão está triste.

—Pois se venho de acompanhar um enterro.

—Triste por isso? O barão, o homem sem emoções, triste porque acaba de fazer a coisa mais banal desta vida entre pessoas de sociedade!

—Não é propriamente por isso. Estou triste porque vi enterrar a ultima mocinha romantica d'este agudo começo de seculo. Se lhes contasse a historia da pobre Carlota Pães ficavam para ahí todos a chorar, e antes de tudo, nesta hora agradavel nunca me perdoariam ter envermelhecido os lindos olhos de Mme. Werneck.

—Mas pelo que vejo a sua historia tem a propriedade do diluvio! fez asperamente a viscondessa.

—Conte-nos isso barão, disse Mme. Werneck, com a sua historia contemporanea do diluvio faremos decididamente collecção de antiguidades sisudas.

Houve um approximar de cadeiras. O barão bebeu um gole de chá.

—Não conheceram a Carlota Pães? Pois a pobre Carlota Pães, coitada! já com um começo de tísica e um perfil romantico, dava mesmo pena, á noite, no parapeito da janella, muito branca, como desmaiada. Ninguem lhe sabia da vida, e vendo-a assim, á janella d'aquella velha casa, todos a deploravam. Quando a Carlota atravessava a brutalidade do bairro pobre, com a apagada dôr dos humildes aristocratas, trazia no rosto um tal desgosto que era por quantos a conheciam um só lastimar. Tambem só sahia para acompanhar a mãe, uma senhora escalavrada e roida como um vaso antigo, para acompanhar com o seu passo de visão a pobre velha carregada de pesadas costuras. Fôra assim desde nascida! Olhava os pobres e os parentes como se guardasse n'alma a recordação de um mundo melhor, alhejava-se d'elles, e quando a viam recolher ao sobrado em ruina, já todos tinham a certeza de vel-a apparecer á janella, muito loira.

Que faria ella, assim, por longas horas, alheia á rua, olhando o céu, como um personagem de romance? Coitada! Era o unico meio de esquecer a miseria da casa, a miseria que embota a alma e engrossa as delicadezas. Carlota ficava ali, numas attitudes serenas de passaro triste, com o olhar cravado no infinito, e toda a sua vida de sensitiva quebrada pela incomprehensão dos outros, nuclaginava uma dolorosa expectativa. Parecia um typo de lenda, a espera da fada que a fosse salvar do bairro escuro e d'aquella pobre senhora sempre a trabalhar e sempre de preto.

Como estão a ver era uma menina romantica, e que romantismo minhas senhoras! Até eu cheguei a admirar-a. Tossia mais, estava diaphana, parecia uma nymphá virada em anjo da saudade,—porque, de certo, quem lhe visse o olhar e os irresolutos gestos, julgal-a-ia perdida

de um paraiso artificial. Não lhe pude saber a origem d'esse esquesito feitio, e certa vez que lhe levava bonbons e lhe falei em paixão, ella teve um gesto tal que me esfriou a alma. Tambem, como sumida da realidade, nunca ninguem a tinha visto á janella, baixar o seu severo perfil ás vulgaridades do namoro. Esperava, nada via, e com a sua anciedade, assim ficava até tarde, muito branca e muito loira, olhando o céu.

Uma vez, no mez de Junho, a Carlota estava a chorar, nem sabia bem porque, deante da algida luz do luar, quando na casa junto, o harpejo brusco e sonoro de um piano sobresaltou-a. Do outro lado lentas espiraes melodicadas espriavam-se, envolviam-na. Era, num turbilhão continuo de notas, de expressões subitaneas e diversas, a expressão persistente, torturante do desejo que não se termina e se preludeia, do amor cuja volupia jamais alcança o paroxismo. Ella ficou presa, estarecida. Quem seria? Nunca ouvira aquillo, nunca sentira os nervos tocados d'aquella brusco quebranto, d'aquella epidemico encanto do som, exprimindo o inexprimivel. Os sons, como caricias de rosas, iam a pouco e pouco desfibrando-a, envolvendo-lhe a alma, machucando-a. Toda ella palpitava agora com uma tremura de folha ao vento. Teria chegado a felicidade, o impalpavel prazer até então vedado? Aconchegou-se mais ao chaile, com um arpejo de goso que lhe subia pelos braços e lentamente se irradiava pela nuca.

Do outro lado a musica, velada, num resumo de mil emoções, esboçava paizagens subtis e esfumadas, desfiava risos perlados, cavava-se em soturnas maguas, e como se a vida extrahumana fosse um só gemido d'amor, toda ella espiralava tormentosos queixumes, endeixas dolorosas, perdidos soluços de paixão. Para os grandes sensuaes só ha um goso integral que exprima a ancia de acabar e a fraqueza humana—o som, a vibração de uma corda na lamentavel evocação de vidas que se não realisam.

Para que o sentir da pobre creança fosse mais intenso, no espaço as estrellas palpitavam e a luz do luar lustrando as casas com o seu misericordioso brilho, entrava pela janella num retangulo de oiro que parecia milagre. Oh! nunca á doce Carlota se sentira tão emocionada, ella que sempre vivera na expectativa do além!

Essa noite passou-a á janella até muito depois do piano calar, ouvindo-lhe o ultimo som perdido na cinza avelhada do luar, e desde então andava o dia á escuta e toda a noite passara, em que o occulto pianista tocava, presa ao parapeito, entre a luz dos astros e os sons mysteriosos. Nós já riamos da paixão.

—Então a Carlota?

—Ai! meu senhor, continua a viver dos sons, está de todo virada!

E quando eu lhe levava alguma coisa.

—Então a sra. dona Carlota sempre com os sons?

Ella pendia na cadeira, sussurrando:

—E' tão bom!

Aquelles sons como um rosario sem fim que se desfiasse iniciavam-na numa religião de amor desencarnado, e quando qualquer dificuldade emperrava do outro lado a mão do tocador, a Carlota sentia uma agonia como se hesitasse em comprehender todo o alcance peccaminoso da phrase.

Vinha-lhe ás vezes a curiosidade de saber quem era esse tocador. Passava os dias á espreita; a casa ao lado,

uma pensão não lhe deixava advinhar entre as muitas pessoas que entravam o artista estranho da noite. Perguntou á mãe se a informavam e a velha senhora respondeu que não sabia, que não era possível saber.

Bruscamente, então, perdeu esse desejo. Conhecel-o para que? Bastava a delicia de ouvir-o, bastava a inconsútil paixão que a rojava a seus pés! E perdia totalmente as noites, essas noites de Agosto trahidoramente frias em que a luz brilha mais, ha mais perfume no ar e as brumas ao longe parecem sudarios consoladores. Era um enebriamento até o romper d'alva. No fim, quasi se arrastando, ia para o peitoril como para uma tortura e do outro lado a musica inquisidora amortalhava-a desabridamente no delirante tropel do amor.

Ah! o gozo do raro! Os seus nervos sensiveis chegavam ao pranto, ao soluço, ao sorriso como hypnotisados. Cada nota já lhe exprimia um sentimento, os trechos repetidos pelo artista ella os seguia, advinhando accordes, advinhando sons como se fizesse o exame da sua alma de amorosa e de cada vez mais maravilhada ficava, bebendo a pleno trago, o delirio, a morte, o extase da musica encantada. De certo ninguem, ninguem no mundo amava, sentia-se ainda com esse sagrado e impalpavel amor. Encostava-se ao parapeito, esperava e era sempre com um susto que de repente ouvia abrir-se uma escala como acordando o piano, e as duas vibrações de bordão, dois accordes de contra baixo, pezados e sonoros. Depois um som subia, outro respondia, o aviario se encadeava num trinado. Muita vez o pianista que fundia a alma com as notas, tocava varias arias simples, com um ar velho como se os seculos todos chorassem a vida, d'outras eram trechos modernos trançando no ar uma flora bizarra de nervosos accordes e era então uma revoada de dores, ais sem fim, queixas em harpejos arquejados, rugidos rubros de eiume em que o piano parecia abalado e a musica estrebuchava...

Nos ultimos dias a coitada ardia em febre, plenamente fóra do mundo, gozando com um gozo feroz de agonisante o amor incorporeo emquanto ao lado noites em fóra as mãos invisiveis soluçavam a magua e a tristeza.

Ora, hontem, quando eu subia a escada ingreme da sua velha casa, D. Anna, appareceu-me desgrenhada.

—Venha, acuda, a Carlota morre...

—Como foi isso?

—Sei lá! Passou toda a noite á janella, o musico não tocou, a chuva, hemoptises, sangue...

Na sala de visitas, a pobre Carlota, coitada! estava caída numa cadeira de braços, entre as bacias, as botijas, os pannos, a lugubre confusão que precede o eterno descanso. Fez um esforço, estendeu a mão.

—Estou á espera da musica...

Deixei-a, despreguei-me pelas escadas. Era preciso que a musica lhe levasse o supremo consolo. Entrei pela casa ao lado.

—O pianista? perguntei ao encarregado.

—O maluco? No 1º andar, á direita, quarto n. 5.

Subi, bati com força no quarto, empurrei a porta desesperado, encontrei um velho homem magro e adunco.

—E' o sr., o pianista?

—Sou.

—Ha aqui ao lado uma creança que agonisa. Vinha pedir...

—Para não tocar hoje. Vá com Deus.

—Não, venho pedir que toque. Não é possível explicações. Essa menina vive ha um mez de ouvir-o. Está morrendo, pede-lhe que toque.

O homem passou as mãos pelos cabellos.

—Escute, é uma loira, muito loira? Meu Deus! Pobre pequenina! Então ella me ouvia? Vá, eu toco, vou tocar, vá.

Depois agarrou-me o braço.

—Mas escute, não lhe diga como eu sou. Eu sou feio, perdia o encanto!

Quando outra vez entrei na sala, a Carlota morria. Como a querer beijal-a, o luar entrava pelas janellas um golphão de oiro, a ella com as mãos de magnolia cruzadas sobre o peito, tinha na face a tortura da agonía.

Mas, subitamente, teve um estremeção. Ao lado como uma ronda de astros que se despregassem do infinito o piano explodia uma indisivel revolta. Um tropel de sons reboou, entrechocou-se, deslisou, rasgando o ar, do mundo ás estrellas, com uma dor infinita. Depois, pareceu parar, tremulou brevemente como se o paraíso abrisse e os archânjos cantassem, e enquanto Carlota sorria, os accordes como um choro de rosas envolveram-na, beijaram-na. E ella morreu, docemente, sem uma contracção, ouvindo a musica do amor...

Houve um longo silencio na sala malva, onde ha conversas tão alegres á hora suave do chá. O barão limpou o monoculo:

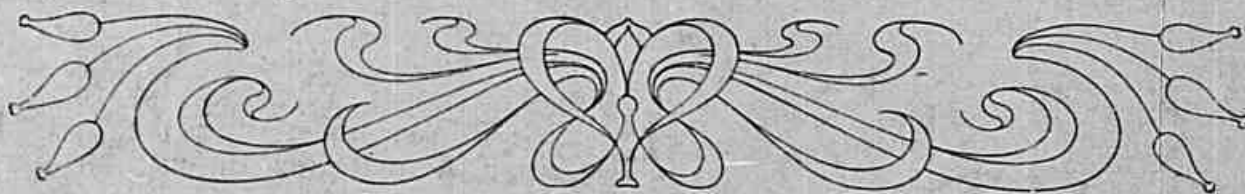
—Ora aqui está porque eu estou triste!

—Coisas da sua phantasia macabra, fez a severa viscondessa de Santa Maria.

—Para entristecer a gente, accrescentou Mme. de Souza, linda e sentimental.

E de novo, enquanto Mme. Werneck fazia um grande esforço para não chorar, todos nós com afinco e erudição atacámos a musica italiana.

PAULO BARRETO.





MAESTRO ABDON MILANEZ

PRIMIZIE

OPERA IN UN ATTO

PREGHIERA

Versi di HEITOR MALLAGUTTI

Musica de ABDON MILANEZ

BIANCA

Oh quale ango - scia m' in - va - - de! qual terrore m' assa - le

Piano

f *p* *agitato*

The first system shows the vocal line for Bianca and the piano accompaniment. The vocal line is in treble clef with a key signature of one sharp (F#) and a 4/4 time signature. The piano accompaniment is in grand staff (treble and bass clefs). Dynamics include *f* and *p*, and the tempo marking is *agitato*. There are triplets in the piano part.

Il cuor ho gon fio di pian - to. Gran Dio m'a-

mf *p* *rall... pp* **ANDANTE**

The second system continues the vocal line and piano accompaniment. The vocal line has a triplet. The piano accompaniment features a melodic line in the right hand and a more rhythmic line in the left hand. Dynamics include *mf*, *p*, and *rall... pp*. The tempo marking is **ANDANTE**.

- ju - ta sempre a te ri - vol - to Ebbi il pen - sie - ro é l'anima il cor mio

p *con passione*

The third system continues the vocal line and piano accompaniment. The vocal line has a triplet. The piano accompaniment features a melodic line in the right hand and a more rhythmic line in the left hand. Dynamics include *p* and *con passione*.

Deh! - che giammai l'esser mio sia tol - to al - la vir - tu - - de e l'amor tu - - o.

mf *affrett.*

The fourth system continues the vocal line and piano accompaniment. The vocal line has a triplet. The piano accompaniment features a melodic line in the right hand and a more rhythmic line in the left hand. Dynamics include *mf* and *affrett.*

Gran Di - - - o! PIÙ MOSSO

Fa che al mal

A TEMPO *PIÙ MOSSO*

dim... *p SOSTENUTO*

- vag - - gio nel - la fu - ria re - - a ab - ba - - gli il lu - me del tuo

spir - - to ó Di - o! E muo - ia in sen - la crimino - sa i - de - a

p *mf* *cresc.*

E non l'ac - cie - ca lo fa - tal de - si - o! lo fa - tal de - si - o!

ff *ppp* *ff*

CONCURSO DE BELLEZA INFANTIL
NO PROXIMO N.º (10) PUBLICAREMOS O
❧ RESULTADO D'ESTE CONCURSO, ❧
E BEM ASSIM AS PHOTOGRAPHIAS DAS
❧ ❧ CREAMÇAS PREMIADAS. ❧ ❧



AÇUDE—TIJUCA—RIO DE JANEIRO

GHILDA

—Continuação—

SCENA SEXTA

GHILDA E SILVIO entrando apressado

SILVIO

Mamãisinha !...

GHILDA

Meu Silvio!

SILVIO

Eu quero pão...

GHILDA perturbada, apontando o armario

Procura

Ali, meu filho... Ali... Deve ter...

a parte

Que má hora!

Não temos nada, nada...

ao filho

Achaste?

SILVIO

Não senhora.

GHILDA a parte

Quando filhos se tem como a pobreza é triste!
animando-o e disfarçando

Papai traz, meu amor. Papai não tarda... Viste
Quanta gente ha na rua? Espia.

SILVIO chegando á janella

Ih! Quanto povo!

E' procissão, não é?

GHILDA

Não, filho. E' um quadro novo

Que a Irmandade da Cruz expoz á multidão.
Queres vel-o?

SILVIO

Oh! que bom! Quero sim!

GHILDA

Pois então

Vai brincar. Amanhã papai te leva...

SILVIO que ficou á janella, olhando a
rua, de repente, gritando para
fóra.

Alberto!

Olha Alberto, mamã... Tão bonito !...

GHILDA sentada e cansada

Estás certo

De que é elle?

SILVIO

Elle sim. Mas não escuta a gente...

E leva tanto doce!

gritando

Alberto!

virando-se para Ghilda

Tão contente

Que ella vai! O' mamã, vem vel-o!... E de bengala!
gritando mais forte

Alberto!

GHILDA triste, erguendo-se

Meu amor, queres que a tua fala
Chegue até lá? Bem vêes que elle não póde ouvir.

SILVIO

Ah! Si eu fossse com elle !...

GHILDA

Irás te divertir

Amanhã. Tu tambem terás bengala e doces.

SILVIO correndo para ella

Oh! que bom, mamãisinha!

GHILDA animando o

Então? Nem que não fosses

Um menino tão bom e tão bonito...

beija o

Vai,

Vai brincar.

(Silvio sai pela direita)

com intenção á fome da criança, dolorosa

Vai dormir...

Coitadinho! Seu pai

Que nos traga com que mitigar a miseria.

Pausa pensativa : fraca e pallida, vai até a me-
sa e contempla o filhinho.

Dorme. Deus é piedoso. Essa emergencia séria
Ha de ter fim. E então seremos venturosos.

Porque não? Dentro em pouco, André, dos Religiosos
O preço ha de ganhar do seu trabalho. E então
Novamente terei p'ra meus filhos o pão.

Senta-se e abana-se, o olhar
parado, cansada. Ergue-se
em seguida e vai, soffrendo,
até o nicho, em frente ao
qual se ajoelha, contrita.

Mãe do céu, bemfazeja mãe dos peccadores,
Tem piedade de nós; abranda os dissabores
Que a pobreza nos traz; conserva-nos a vida!
Dá-nos forças, emfim, nesta lucta renhida!
Eu preciso viver, Mãe Santissima! Tem
Piedade dos meus filhos, peço-te!

SCENA SETIMA

GHILDA E RUZZANTE

RUZZANTE, espiando do limiar

Ninguém?

Vendo Ghilda :

Ah! Perdão...

GHILDA, erguendo-se

Póde entrar.

RUZZANTE

Eu não contava achal-a

A rezar...

GHILDA

Entretanto, a préce é a alma que fala
A Deus, e ha de existir enquanto em nós houver
Coração para amar e dores p'ra soffrer.

RUZZANTE (Apertam-se as mãos)

Dores não! A alegria entrou no vosso lar
Esta manhã, p'ra sempre, Ghilda. Oh! De pensar
Nesta consagração, sinto-me tão feliz!
Meu amigo onde está? Nem ao menos me quiz
Avisar que era hoje o decisivo dia?
Que é feito d'elle, emfim? Ainda se esconderia

Na modestia?

GHILDA, sorrindo

Já foi...

RUZZANTE, alegre

Já foi ao templo?!

GHILDA

A geito

Fizemol-o sahir ha pouco... ainda sujeito
A um desanimo hostile. Martelli, que aqui estava
E o seguiu, animoso, emprestou-lhe essa brava,
Essa firme confiança, essa certeza forte
Dos que enfrentam, sem medo, um almejado norte.
Já lá devem se achar. Ha mais de meia hora
Deixaram-me.

RUZZANTE, satisfeito

Afinal!

GHILDA

A volta espero agora.

E rezava por elle, e rezava...

RUZZANTE, expansivo

Afinal!

Eil-o, enfim, vencedor, meu bom amigo! O mal
Nem sempre ha de imperar, e a justiça e a victoria
Cedo ou tarde hão de dar aos sinceros a gloria.

(Plena alegria)

Mas que alegre manhã! que céu azul! Custou
Mas venceu! Eu quizera abraçar-o! Eu lhe vou
Levar meus parabens onde acaso o encontrar.
Quero vel-o a sorrir, vel-o a se recordar
Do passado, a revêr os tempos de menino,
Quando os dois, muito cedo, ao clarão matutino,
Erravamos no cáes, a ver, entre as falúas,
Marinheiros vergando as costas semi-nuas
No serviço brutal da descarga. E depois
Os projectos de gloria! o nosso affecto! os dois
Juntos sempre, a sonhar, as máguas dividindo,
E o pão... que era bem pouco...

com um grande suspiro

Oh! Saudades!... Que lindo

Que era o céu multicolor, de manhã, quando o Sol
'Stava quasi a nascer! Que tintas no arrebol!
E em nós quanta esperança e quanto affecto!

GHILDA, presa á sua voz

E andaram

Sempre juntos assim muitos annos?

RUZZANTE

Duraram

As nossas relações mais intimas, ao certo
Até quarenta e dois. André andava perto
Dos vinte; eu tinha já meus vinte e quatro annos:
E ambos muita esperança e varios desenganos...
Pedro Lando era doge e era essa circumstancia
Motivo de prazer para nós. Desde a infancia
Nunca tinhamos visto a mudança de um doge
(Que esses tempos d'antanho eram diversos de hoje...)
André Gritti, demais, já estava velho, após
Quinze annos quasi de reinado. E, para nós,
Pedro Lando traria auxilio poderoso
A's Artes. Foi engano, afinal... Pezaroso,
Separei-me de André, nesse tempo. Eu tivera
Um lugar de aprendiz numa empreza que déra
A' Veneza de então varios melhoramentos.
Empreguei com prazer todos os meus momentos

Em estudar, em praticar entre architectos
E venci. Deus é bom!

GHILDA, com fervor

Deus é bom!

RUZZANTE

Meus affectos

Permanecem, porém, sinceros como outr'ora,
E entre elles sobressai, na alegria de agora,
Essa velha amizade ao bom André...

GHILDA, muito meiga

Que as almas

Foram feitas por Deus p'ra trocarem as palmas
Da amizade e do bem... e eu nunca hei de esquecer,
Ruzzante, o que tem feito por André.

RUZZANTE, excusando-se

Dever,

Só dever. E afinal é bem pouco p'ra quem
Mais o tem por irmão que por amigo. O bem
Que de todos merece a honradez; e a alegria
Que nos causa o talento occulto á luz do dia
Sob o manto revél da modestia, por certo
Ha muito o seu logar marcaram no concerto
Dos pintores de nome em Veneza.

(alegre e decisivo)

Vou vel-o!

Quero, amigo e feliz, nos braços recebê-lo
E apertal-o e sentil-o!

GHILDA, animada, feliz

Oh! Que ventura! Eu penso

Que hoje a face de André não mais o véu immenso
Da tristeza ha de vir encerral-o na dor!

RUZZANTE, forte

Não, por certo!

(noutro tom)

Porém, o artistico primor

Que hoje lhe dá p'ra sempre a popularidade,
Será terceiro ou quarto ou sexto entre os com que ha de
O seu nome legar ás gerações futuras.
André de ha muito é vencedor. As desventuras,
O desanimo, a lucta, o pezar—acredite!—
Elle só os soffreu pela dôr sem limite
De ver o seu esforço ignorado ou esquecido.
Eil-o que ha de nos vir agora outro marido,
Outro homem, outro amigo, outro pai, outro artista,
A alma aberta ao fulgor d'essa ultima conquista,
Certo do seu valor, feliz e bem disposto,
Sem o velho pezar que lhe ensombrava o rosto.

GHILDA, felicissima, em transporte

Fale assim! Fale assim, Ruzzante!

RUZZANTE

Oh! Quem lhe viu

Os quadros principaes! Quem—como eu— conseguiu
A collaboração do seu pincel! E quem
As pinturas muraes contemplou, que elle tem
Feito com tanto arrojo e originalidade!
Quem se quedou em frente á meiga suavidade
Da *Assumpção* e quem viu os *Quatro Evangelistas*,
Esse ha de amal-o, ha de estimal-o: que os artistas
Dos homens devem ter toda a veneração.

GHILDA, já triste

Entretanto até hoje, a custo, André o pão
Tem tido...

KÓSMOS

RUZZANTE

Mas agora o seu nome em Veneza
Alcançou de uma vez louvores e a certeza
Da popularidade.

GHILDA

Oh! Queira-o Deus!

RUZZANTE

Agora

As telas que elle fez vão ser citadas, fóra
As estampas, os cofres, caixas, arabescos,
Decorações e mais: os caprichosos frescos
Com que tem decorado os palacios.

GHILDA interessada

Ruzzante,

E são muitos?

RUZZANTE

Oh! não! Poucos. Mas é brilhante

Esse pouco. E ainda mais: alguns, tenho certeza,
Pelo arrôjo da fórma e esplendida belleza,
São primores! E posso alguns lembrar: os Zeni,
O palacio dos Zeni... Eu o construi. Ruddeni
Póde testemunhar, pela impressão que teve,
A riqueza e o vigor do trabalho.

GHILDA simples

Não deve

Espantal-o a pergunta... Eu nada sei... Mas diga:
Quem é Ruddeni?

RUZZANTE

E' um architecto.

GHILDA

Ah! bem. Prosiga.

RUZZANTE

Architecto, porém, dos melhores. Já tem,
Modesto e vencedor, sem receiar ninguém,
Com Palladio e Cattaneo, os mestres immortaes,
Trabalhado.

GHILDA

Ah!

RUZZANTE

Pois bem; vou lhe dizer o mais:

Quando o nome de André de mim Ruddeni ouviu,
— Oh! não! (disse-me) oh! não! Ruzzante, onde se viu
Entregar-se a um pintor sem fama e sem louvores
Essa decoração, quando ha tantos pintores?
Quando ha Zelloi, ha Tintoreto, ha Veronésio
E ha Le Fratina?

GHILDA, esperando

Então...?

RUZZANTE

...dei-lhe a resposta! E illeso

O valor confirmei de André. E consegui
Victoria. E que victoria! A perfeição ali
Foi attingida!

GHILDA em duvida

Mas, Ruzzante, eu não me lembro
De ver sahir André, p'ra tal fim...

RUZZANTE

Em Setembro

De mil quinhentos e...

(lembrando-se)

cincoenta e um. Ha nove

Annos, portanto, foi.

GHILDA, voltando ao passado

Nesse tempo... (Oh! commove

Tanto a gente a lembrar males de outr'ora)... eu era
Uma pobre infeliz... Deus ainda não me dera
A ventura de ver André.

RUZZANTE

Pois eu julgava

Que nesse tempo os dois...

GHILDA rapida

Não, senhor. Só faltava

Para a minha alegria o espaço de tres mezes:
Foi em Dezembro...

RUZZANTE

Ah! bem.

GHILDA meiga, lembrando

...no inverno...

RUZZANTE

Ah! sim.

GHILDA

A's vezes

De lembrar-me...

chorando, com voz alterada

Oh! meu Deus!...

RUZZANTE, subito

Que tem?

GHILDA, anciando e em pranto

chego a chorar...

E' que as lagrimas são um consolo ao pezar...

RUZZANTE animoso, diafarçando-se

Mas deixe d'isso, Ghilda. O dia é alegre!

GHILDA entre dois soluços, abandonando-se

Eu sei...

RUZZANTE cuidadoso

Sente-se mal?

GHILDA em pranto ainda

Oh! não! Desculpe...

RUZZANTE

Eu não falei

Nessas cousas senão para animal-a. E emtanto...

Vendo que continúa o choro,
fazendo-a sentar; paternal:

Sente-se aqui. Não chore. André não tarda... O pranto
Desfaria o prazer com que elle ha de chegar.

GHILDA enxugando os olhos e abandonando-se

Perdôe-me... O pranto é nada... O mal é a falta de ar...
Mas, emfim...

RUZZANTE, com medo

Não passou?

GHILDA

...já estou acostumada.

Bate-me o coração com tal vigor que a cada
Pancada eu me disponho a morrer...

RUZZANTE, sem saber o que faça

Por quem é,

Socegue! E' a commoção d'este dia...

GHILDA, mais calma

E' que André

Tem soffrido por mim tanto, tanto!

RUZZANTE, implorando
Não fale!

animador

Fique calma! Isso passa... Então? Vamos: exhale
De seus lábios, de novo, a luz bemdicta e opima
Do sorriso! E imagine o ardor de que se anima
Neste momento o coração de André. Por certo
Elle está já de volta e não tarda e bem perto
Talvez já venha.

GHILDA, calma e doce
André tão bom!

RUZZANTE

Vamos, desfaça

Esse pezar. Já está melhor, não é?

GHILDA, sorrindo

Com a graça

De Deus, posso dizer, já estou boa... E parece
Poderei receber André, qual si o tivesse
Esperado a sorrir, sem sombra de tristeza

RUZZANTE

Isso sim!

GHILDA, pedindo

Mas, então...

RUZZANTE

Que quer?

GHILDA

...tenho certeza

De que vai me falar noutras pinturas...

RUZZANTE rude e carinhoso

Não!

Ao afflicto não quero augmentar a afflicção:
Commove-se e... afinal põe-se a chorar...

GHILDA

Prometto!

RUZZANTE firme

Não senhora.

GHILDA súplice

Oh! Ruzzante, eu lh'o peço... Está quieto
Meu coração... Respiro bem... 'Stou boa, emfim...
E demais...

RUZZANTE transigindo

E demais?...

GHILDA

...eu preciso — ai de mim! —

Saber quaes são de André as telas principaes.

RUZZANTE, vencido

Não sabe?

GHILDA, vexada

Algumas só...

RUZZANTE

No Carmo, alem do mais,

Pintou *São Paulo e Santo Elias Carmelita*
E o *Christo no dezerto*, uma tela exquisita
De um vigor sem igual, pela combinação
Das côres.

GHILDA

Não sabia.

RUZZANTE

Eu lhe explico: é que então...

(Foi em quarenta e nove...) ...a senhora...

GHILDA compreendendo

Meu André...

Ah! Já sei:

RUZZANTE

Seu André não era... seu... Comprei
Nas mãos de um mercador, por preço diminuto,
Christo Morto, um primor que ha de ser, indestructo,
Contemplado por mais de vinte gerações.

GHILDA

Não conheço tambem.

RUZZANTE

Pelas mesmas razões:

Foi em quarenta e cinco.

proseguindo

E, comquanto imitasse

André ora Ticiano, ora Giorgione, a face
D'aquelle *Christo* tem uma verdade tal
Que se chega a palpar a figura real.

GHILDA lembrando, interessada

E um quadro grande... o *Filho prodigo*, Ruzzante?

RUZZANTE

Ah! Já sei.

GHILDA, alacre

Esse eu vi. André fel-o durante
Dez dias, sem parar, sem descansar.

RUZZANTE

Um bello

Trabalho!

GHILDA

E onde é que está, póde acaso dizel-o?

RUZZANTE

Vi-o em São Salvador, em casa de Collalti

GHILDA

O conde?!

RUZZANTE

O conde, sim. Embora lhe não falte
Alguma pretensão, posso affirmal-o, o conde
Tem uma alma de artista. As galerias onde
Elle guarda — avarento ante um thesoiro — as telas
Dos mestres principaes de Veneza, tão bellas
Tão adornadas são, que a vista se reparte
Entre o luxo, o conforto e os esplendores da Arte.
Ha lá mais de um salão decorados a fresco
Por André.

GHILDA

Por André?

RUZZANTE

Ora é um quadro grotesco

Onde um sátyro vai, empós as nymphas, rindo.
Ora um trecho feliz da historia sacra, ou um lindo
Episodio de amor.

GHILDA, feliz

Todos d'elle?

RUZZANTE

E outros mais!

Ha um que póde ser das pinturas muraes
Que elle fez, a primeira e a mais louvavel...

GHILDA

E'?

RUZZANTE

Uma Venus dormindo entre flores, ao pé
Do mar, de onde surgiu na espuma branca

GHILDA sorrindo e compreendendo:
E Venus

Que feição ella tem?

RUZZANTE, sério
A sua.
GHILDA
A minha?!

RUZZANTE
Ao menos

Outra cousa não viu minha vista. O seu rosto
E' exacto: a mesma face, o mesmo riso...
vendo o sorriso de Ghilda
Aposto

Que sabia?...

GHILDA singela
Sabia.
RUZZANTE
André lh'o disse?
GHILDA

animando-se
Disse.

E recordo-me bem! Ah! Si o senhor o visse
Quando — dia por dia — elle, ao chegar, narrava
Os progressos do quadro!
subito mudando a vóz, perturbada
Emfim... só me faltava

Uma cousa saber... Sei agora. E lhe peço
Diga a verdade inteira: Essa Venus...
pudica

O meu temor)... é Venus mesma?... (Confesso
rapido, perturbando se ainda
Oh! não! Eu quero

Outra cousa dizer... Espere um pouco.
RUZZANTE

Espero.
GHILDA receiando a nudez de Venus

Essa Venus, assim junto ao mar...
quasi num grito, tremula,

André pintou-a...? O' Ruzzante

RUZZANTE que comprehendeu
...toda envolta em odorante

Véste: rosas e rosas sobre o corpo inteiro,
Do qual se vê sómente o rosto...

GHILDA anciosa
O rosto...

RUZZANTE galanteador
...e um cheiro

De rosas sai.

GHILDA simples
De rosas?
RUZZANTE

Da pureza e pudor do modelo.
Sim: rosas do bem,
GHILDA

Nem mesmo acaso um pé fóra das flores?...
RUZZANTE amedrontando-a

Os pes... um braço inteiro... o pescoço... e... porfim...
Sim:
...Nada mais! Flores só!

GHILDA aparte, grata
Oh! Dá-me o teu perdão!

Eu bem sabia, André.

RUZZANTE que apanhou o chapéo
Vou-me agora.
GHILDA
Ainda não!

pedindo
Outras pinturas...

RUZZANTE
Ghilda, outra vez.
GHILDA

Essa Venus... de André... Então ouça:

RUZZANTE paternal
Formosissima e moça...
GHILDA concluindo

Pois que é Venus...
continuando

Foi um ensaio. Não sabe? André m'o disse: Apenas

RUZZANTE
Sim?
GHILDA

Nessas manhãs serenas
De fartura... talvez, que hemos de ter, eu penso,
Como André prometeu, que o goso extranho e immenso
Terei de vel-o, emfim, começar a pintura.
No quadro novo não serei Venus, a impura;
Serei eu mesma, aqui, a alma feliz surgindo
Inteira em meu olhar, como si um bem infindo
Descesse sobre mim, num crepusculo doce...

RUZZANTE rindo, meigo
Que vaidade, meu Deus, que vaidade!

GHILDA convieta
Enganou-se!

Não é vaidade, não! E' a ventura, é a alegria,
E' a farta luz do amor que a alma toda inebria,
Pelo bem de saber que André — que é a minha vida. —
Ali deixou ficar entre rosas... perdida
Entre rosas, aquella que elle adora!

Respira a custo, anciando, os
lábios descerrados.

RUZZANTE
Bello!

Que eloquencia!

GHILDA abanando-se
Ai de mim! Posso eu mesma dizel-o:
Eloquencia que mata...

RUZZANTE já medroso
Ai! máu!
GHILDA disfarçando
Fiquei cansada...

Só isso... nada mais...

Lembre outras telas.
RUZZANTE

Nada!

Acabou-se! Outro dia.
GHILDA súplice, menos agitada
As que estão com Ruzzini,

Tão amigo de André...?

RUZZANTE
 Não, senhora. Domine
 A pressa. Temos tempo.
 GHILDA já rindo, procurando van-
 cel-o
 Ao menos a batalha
 De Carlos V e Barbarossa...?
 RUZZANTE
 Embora valha
 O seu desejo a lei, não posso contental-a...
 Outra vez.
 GHILDA arditosa,
 Que fazer?...
 subito
 Mas nem ao menos fala
 Uma palavra só sobre São Marcos?
 RUZZANTE
 Não!
 Não me esteja a tentar!
 GHILDA
 O concurso...
 RUZZANTE
 A razão
 E' simples. Dou-lh'a aqui: é a obra-prima de André.
 GHILDA
 Por isso mesmo!
 RUZZANTE
 Não! Apaixonou-me até
 Só de me recordar que o premio, elle o devia
 Entre todos os mais receber. Bem sabia
 Ticiano o seu valor quando o propoz
 GHILDA já triste, séria
 Embora
 O olvidasse em seguida...
 RUZZANTE
 Oh! não! Sabe a senhora
 O character de André. Veronésio venceu.
 Desde então nunca mais com outros concorreu.
 Trabalha só.
 GHILDA
 Bem sei.
 RUZZANTE
 Não teme nem receia
 Qualquer pintor. E vai, livre de toda peia,
 E vence.
 alegre, prompto para sahir
 E já venceu! Vou buscal-o!
 GHILDA
 E' melhor
 Recebel-o e abraçal-o aqui.
 RUZZANTE
 Não. Si eu não fôr
 Ficarei triste.
 GHILDA (aperto de mãos)
 Vá. Traga-o já.
 RUZZANTE já no limiar, descendo
 Oh! que dia!
 GHILDA do alto
 E obrigada!

RUZZANTE fóra
 De que?
 GHILDA
 Da amavel companhia.

SCENA OITAVA

GHILDA só
 Dedicado que elle é! Que bom amigo!
 Pára sobre a face do filho: en ernecida
 Sonha.
 Com quem... p'ra ter assim a face tão risonha?
 Com os anjos?... com a mamãe?...
 com um suspiro
 Meu filhinho!
 apprehensiva
 Ah! Pudesse
 Um coração de mãe, que a bondade entenece
 Dos filhos conhecer o futuro! Meu Deus!
 Que sorte elle terá? E Silvio? Oh! filhos meus,
 Pedacos do meu ser, minha alma bipartida,
 A Madona do Céu que vos proteja a vida!
 Forçando a angustia da fome; com enthusiasmo, quasi feliz
 Mas é preciso rir! Devo rir, que o momento
 Chegou que marca o fim do nosso soffrimento.
 Esperei... mas André venceu! Eil-o aclamado
 Por toda a multidão; o seu nome citado
 De bocca em bocca!
 feliz

Oh! Sim! Bem felizes!
 sonhando e soffrendo
 Nem sei
 Como os braços em torno d'elle passarei
 Para sentil-o meu, só meu! Como virão
 Seus olhos para mim cheios de luz... mas não
 Sem lagrymas: que o bem, por ser bem, tambem traz
 O pranto da alegria...
 Oh! Bem felizes!
 enxugando os olhos
 Mas
 E' preciso esperal-o entre risos.

Dirige-se á meza; toma o fi-
 lho ao collo. Triste, soffrendo.
 Não fosse
 Essa fraqueza atroz... Dóe-me tanto!...
 sahindo pela direita
 Tão doce
 Seria o meu viver sem este mal!.

SCENA NONA

DEOLCO só: da porta vendo-a desaparecer
 Seu mal!...
 A pobreza! bem sei... Vou tentar. Um rival
 E' cousa bem commum, quando a mulher nos veio
 Por effeito do acaso, um encontro apenas, cheio
 De pedidos de amor por carencia de pão...
 cauteloso. entrando mais o palco
 Tão bonita! Ah! Não sei como hei de esta paixão
 Mostrar-lhe, a ver si a tenho e si a beijo... Oh! Beijal-a!!
 Nunca o desejo foi tão forte em mim! Si a fala
 Lhe pudesse mostrar que a quero inteira e a quero

Minha, de todo minha! exposto ao desespero
Embora, o pobretão do pintor! Si a riqueza
A tentasse e a trouxesse aos meus braços, bem preza!
Leval-a, junto a mim, p'ra o meu delirio, como
Um thesoiro roubado! E guardal-a num assomo
De volupia! E sentil-a e apertal-a e escondel-a
Em meu corpo!...

A voz de Ghilda, duleissima, nos bastidores

Papai não tarda.

DEOLCO recuando até a porta para
esconder-se

Eil-a! Vou vel-a!

a voz de Ghilda

Um beijo p'a mamãe... outro, filhinho... Então?

SCENA DECIMA

GHILDA e DEOLCO

GHILDA entrando, sem o filho, lim-
pando os olhos. Mais palli-
da, mais fraca, mais doente;
com signaes constantes de
dyspnéa.

Que fome que elle tem!

DEOLCO entrando

Peço licença.

GHILDA virando-se

Ah!

Simples, estende-lhe a mão.
Elle vai instinctivamente le-
vando-a aos labios. Ghilda a
retira bruscamente, com uma
energia na voz:

Não!

DEOLCO baixo, em supplica

Ghilda, por que?... que tem?...

GHILDA forte

Que deseja o senhor?

DEOLCO

O seu bem.

GHILDA

O meu bem?!

DEOLCO franco

Escute-me. E' o amor

Que aqui me traz. Adoro-a, Ghilda.

GHILDA assustada, mas reagindo

Mas perdão...

Certo o senhor esquece o respeito...

DEOLCO brutal

Oh! Pois não?

Esqueço tudo...

GHILDA tremula

Mas...

DEOLCO

Sei que a vejo!

GHILDA mais corajosa

O senhor

Com que direito vem...

DEOLCO

Com o direito do amor.

Amo-a, Ghilda, já o disse... Ha muito...

GHILDA resoluta

Mas esquece

Que sou casada e honrada?

DEOLCO

Esqueço tudo!

GHILDA

Vê-se,

Na phrase que me diz, que é brutal. Não respeita
Uma senhora!

DEOLCO

Adoro-a! E por tenção já feita

Ha muito tempo, espero a victoria alcançar.

GHILDA já medrosa, mas reagindo
com calma

Perdão-lhe porque não me conhece... O lar
Da gente honesta e sã devêra merecer
Mais respeito. O senhor se engana...

DEOLCO

Póde ser...

Mas por que não me ouvir?

GHILDA aparte, mais temerosa, sof-
frendo

E estou só...

DEOLCO

Eu detesto

O meio termo. Eu amo-a, Ghilda. O amor, honesto,
Bem sei, não é. Porém é amor. Amor insano
Feito só de desejo... E' brutal, mas é humano...

Subito, refinadamente torpe,
com um passo para ella

Eu quizera o teu beijo, o teu corpo, o teu cheiro...

GHILDA recuando, pallida, quasi num
grito

Senhor!

DEOLCO acovardado, mas torpe sem-
pre

Não quero mais. Sonhei... passou... Primeiro
Foram noites sem fim, de auceio longo... E após,
Quando vi que a cercava esta pobreza atroz,
Pensei: Levo o meu oiro...

GHILDA com indignação

E o deixava!?

DEOLCO

Isso não!

Vinha buscal-a só, por meio d'elle...

(Ghilda soffre, dolorosamente muda)

E então,

Juntos, longe d'aqui, num recanto escondido
Em Murano, eu lhe déra um ninho re florido
Onde o goso e a exclusão teriamos do amor.

GHILDA crispando as mãos, immo-
vel

Oh! Meu Deus!

DEOLCO covarde

Não se afflija.

GHILDA invocando

André...

DEOLCO mais perverso

Ora, o pintor

De que lhe serve aqui? Nada traz. Na miseria
Tem-na deixado sempre. E' nulla a sua féria.
Eu lhe daria tudo: o conforto e o prazer
Em joias, em dinheiro, em barras d'oiro...

estupido e immundo

Quer?

Brilham lhe os olhos, á Ghilda. Elle covarde sempre :
Mas não tenha temor! Nada lhe faço. Apenas
Entendi de subir para, em palavras plenas
De verdade e de amor, mostrar-lhe o meu desejo.
Demais, ha muito espero o procurado ensejo
Para dizer-lhe tudo. E eil-o por que aqui estou.
O que agora lhe falo o olhar já lhe falou
Mais de uma vez...

GHILDA fremente, rugindo
Oh! não! E' mentira!
DEOLCO mais covarde, menos brutal

Por ora
Me cinjo a lhe afirmar que é verdade. A senhora
Não terá reparado. Eu lh'o digo, porém.

Ghilda continúa immovel, encostada á meza, pallida, anciando, num supremo gesto de raiva, de odio infindo. Toda ella é indignação, contida nas palavras, mas clarissima na expressão dos grandes olhos esgazeados.

Desde que a vi uma vez aqui mesmo, o meu bem
Surgiu claro, encarnado em seu corpo de neve.
Tudo seria seu, tudo o que tenho!

mellifluo
E em breve,

Quando eu visse, afinal, sobre o meu coração,
Palpitante ao calor dos meus desejos...

GHILDA já cega, tresloucada, erguendo a cadeira nas mãos finas e magras, um grito supremo, avançando :

Cão!

Escute...

DEOLCO perturbado, recuando

Cão!

GHILDA avançando, fóra de si

Ao menos...

GHILDA sacudindo a cadeira contra elle

Cão!

DEOLCO quasi á porta do fundo
Senhora!

GHILDA numa suprema força

Sáia!

Sáia, sáia d'aqui! Alma vil! Sáia! Saia!
Immundo!

DEOLCO á porta

Eu lhe podia...

GHILDA forte, tresloucada
Immundo e infame

DEOLCO no limiar, recuando

Attenda!

GHILDA na porta brandindo a cadeira

(Fecha a porta, agitadissima)

Desça, desça!

extenuada

Oh! meu Deus!

DEOLCO de fóra, descendo

Sim, mas não se arrependa

Depois, do que me diz neste instante!...

GHILDA nervosa, desvairada

Maldito!

com gritos evocadores,

Deus do céu!... Minha mãe!... Meus filhos!... Que infinito
Momento de terror! E si elle me matasse,
O cão?!...

Supplice, mudando a voz, fatigadissima e pondô as mãos

Virgem do céu! Volve a limpida face
E o olhar piedoso e bom! Dá-me forças!

Senta-se, respirando a custo com a cabeça nas mãos. Chora. Depois de pausa, num grande susto, com terror:

Deus meu!

Eil-o outra vez!

Ouvem-se passos :
aguçando o ouvido, erguendo-se em panico:
Escuto os passos!...

Resolveu

Subir... Vem me matar!...

horrorisada, quasi gritando

Matar, não! Quer-me viva!!

Vem se vingar de mim. Vem humilhar a altiva!

desvairada

E não tarda, meu Deus!

num cumulo de medo

Não tarda!

UMA VOZ de fóra

Ghilda!

GHILDA encolhendo-se no primeiro plano á direita, apertando as temporas

Eu grito!

A VOZ

Ghilda!

GHILDA reconhecendo a voz

André?...

A VOZ

Ghilda!

GHILDA alto, correndo, tropega, para a porta

E' André?

A VOZ DE ANDRÉ'

Abre a porta!

GHILDA

Bemdito

Seja Deus!

Abrindo a porta e recebendo André : cahindo-lhe nos braços.

SCENA UNDECIMA

GHILDA, ANDRÉ' e MARTELLI

André traz dois grandes ramilhetes

GHILDA

Meu André, meu filho, então?

ANDRÉ' olhando-a com espanto

Que tens?!

GHILDA cahindo em si, disfarçando

Eu? Nada... Eu te esperava...

cambaleia por vezes : dando forças á fraqueza :

Até que enfim tu vens!

Que demora!

Aperta a mão a Martelli que a olha com espanto
Interessada, a André, alheiado:

Mas dize... os Padres... Dize, enfim!

ANDRE' jogando sobre a mesa os ramilhetes

Os Padres...

MARTELLI passeiando á esquerda, entre dentes, fechando os punhos

Os ladrões...

ANDRE' dirigindo-se ao cavallete, o olhar infixo, o gesto indeciso

...deram-me flores...

GHILDA exausta sentando-se, voz fraca

Sim;

E que mais?

ANDRE' olhando a tela

Flores só...

MARTELLI apontando-as á meza

Estas flores

GHILDA quasi sem voz

Só flores?!

ANDRE' (tira a tela e põe outra em branco)

A Irmandade não tem com que pagar pintores...

MARTELLI passeiando, alto, dentes cerrados

Ladrões!

GHILDA

Porém... mais nada, André?...

ANDRE' rude e vago, no tamborete

Mais nada. Agora

Vamos recommençar nossa vida de outr'ora...

Volta-se para ella emquanto prepara as tintas, alheiado

Foi um sonho... passou...

MARTELLI num gesto

Ladrões!

Ghilda põe-se muito branca, a desfolhar as rosas, reclinada, levando á bocca as petalas num gesto dolorosissimo

ANDRE', de repente, num grito

E eu tenho fome!

para Ghilda

E tu?!

GHILDA mastigando as petalas, anciando

Eu?... Não!...

com angustia

Mas Silvio tem...

MARTELLI que comprehendeu, batendo no hombro de André, quasi em supplica

Dize-me! em nome

D'este affecto, Schiavone! Aqui dentro...

ANDRE' acerbo, desabafando

...Ha tres dias

Falta-nos tudo!

GHILDA

André...

ANDRE' com a energia da tortura

Tudo, tudo!

a Ghilda

Querias

Que eu negasse?

GHILDA quasi exanime,

Isso não...

André olha-a e não vê a realidade. Ella continúa, vagarosamente, levando á bocca as flores.

MARTELLI junto a André, dando-lhe dinheiro

Aqui tem, meu amigo.

GHILDA

Por mim... bastam-me as flores...

ANDRE' traçando um esboço, animado

Sim! Porque contigo,

Com tua alma lyrial, ellas se juntam, para Refazer em teu ser a essencia augusta e rara Da bondade e do amor.

Volta-se para ella: ella sorri. Elle continúa trabalhando: ella arqueja.

Ghilda dilecta, eu quero

Esboçar a visão do extremo desespero

Aqui, pondo em teu ser toda a extrema belleza!

GHILDA o olhar perdido num sorriso, quasi sem voz, sonhando

O retrato...

ANDRE'

E's p'ra sempre a bemdita riqueza

Do meu lar, onde vive a miseria do pão...

Martelli continua a olhar-a com um olhar de susto. André esboça. Ella esvai-se pouco a pouco.

E a Arte, que te vai pôr, como immortal visão De uma alma nobre e santa, aqui na tinta honesta D'esta tela immortal; a Arte ao pincel me empresta Todo o seu esplendôr, que o tempo não consome, P'ra pintar o esplendor da miseria e da fome!

GHILDA immovel, exanime

André...

MARTELLI alto, correndo para ella

André!

a Ghilda

Que tem?

ANDRE' continuando a pintar, alheio á agonia

Espera.

GHILDA

André...

MARTELLI gritando, junto d'ella

André!

ANDRE' (Vira-se subito. Num salto)

Oh! Meu Deus!

GHILDA immovel, o olhar perdido, com um ramilhete no regaço.

Meu amor...

ANDRE'

Martelli, por quem é,

Um medico!

ajoelhado junto d'ella, esfregando-lhe os pulsos, desvairado, fitando-a

Meu Deus! Ghilda! Ghilda!

KÓSMOS

MARTELLI sahindo ás pressas

Meu amor!

Já vou.

GHILDA agonisando : pausadamente :

Beijando-lhe as mãos, de rijo, subindo com os
beijos pela véste,

Meu amor... Meu André... Meus filhos...

Meu amor...

ANDRE' num grito lancinante

pelos braços, pelo pescoço, pela face
branca e pura

Ghilda!

GHILDA

Meu amor...

Estou

e depondo, numa angustia ne-
gra, o ultimo beijo á bocca :

Perdida... André...

ANDRE' louco, gritando para a porta

Meu amor...

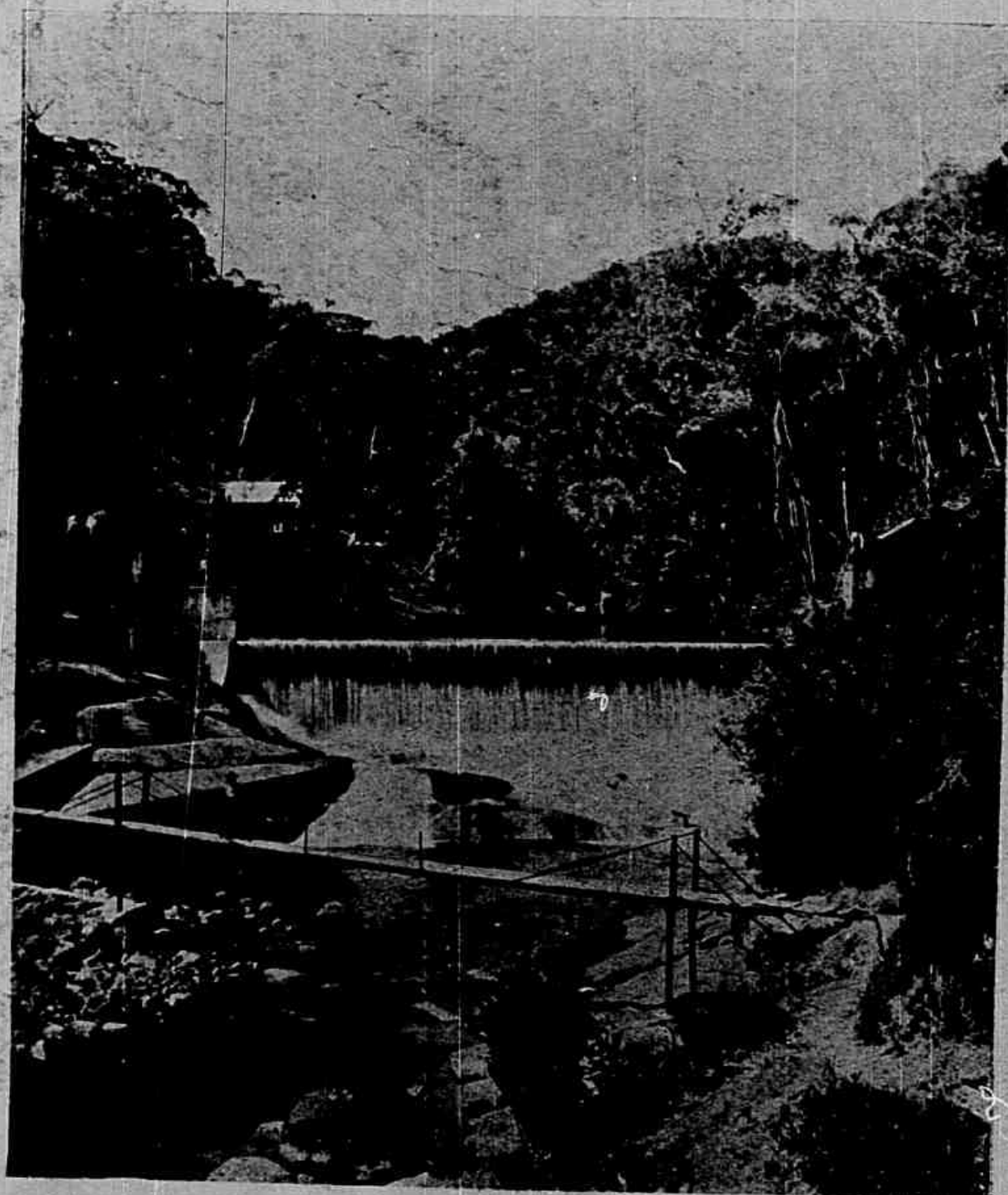
Martelli!

chamando o corpo frio, de joelhos, os bra-
ços no regaço d'ella e a face em lagrimas :

O velario désce lentamente

Ghilda! O' meu amor!

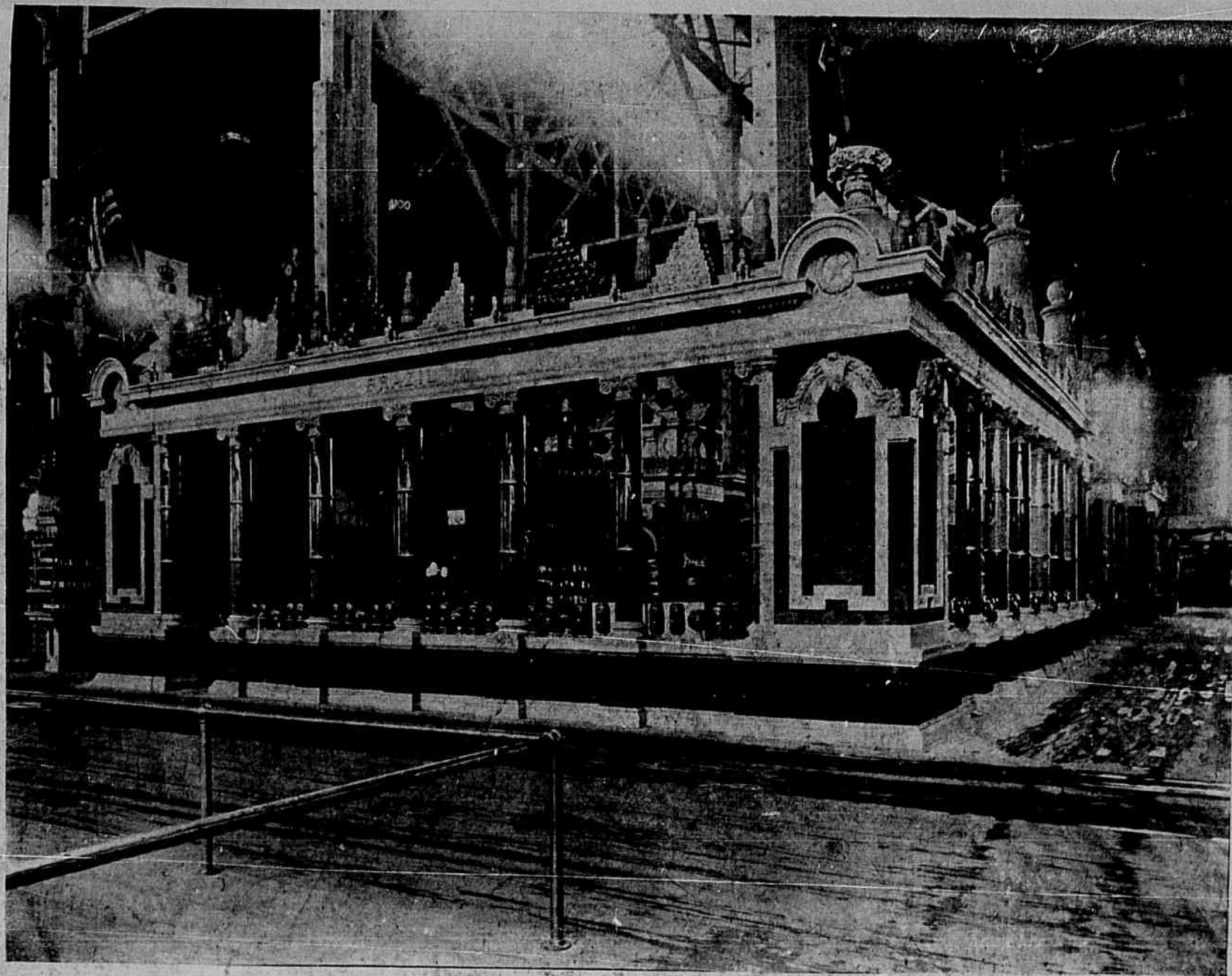
DALTRO SANTOS.



EXPOSIÇÃO DE S. LUIZ

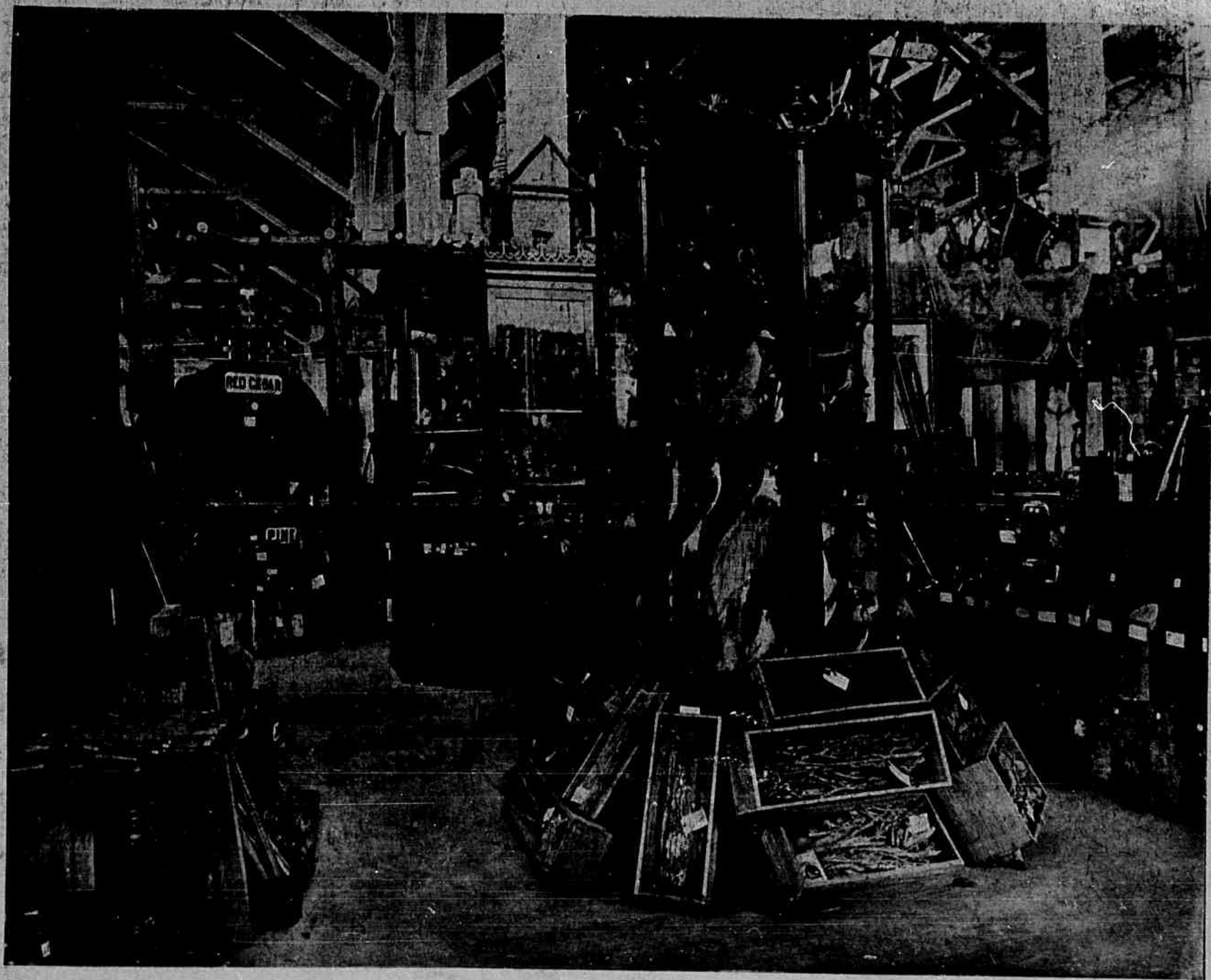


SECÇÃO DO BRAZIL NO PALACIO DE VARIAS INDUSTRIAS



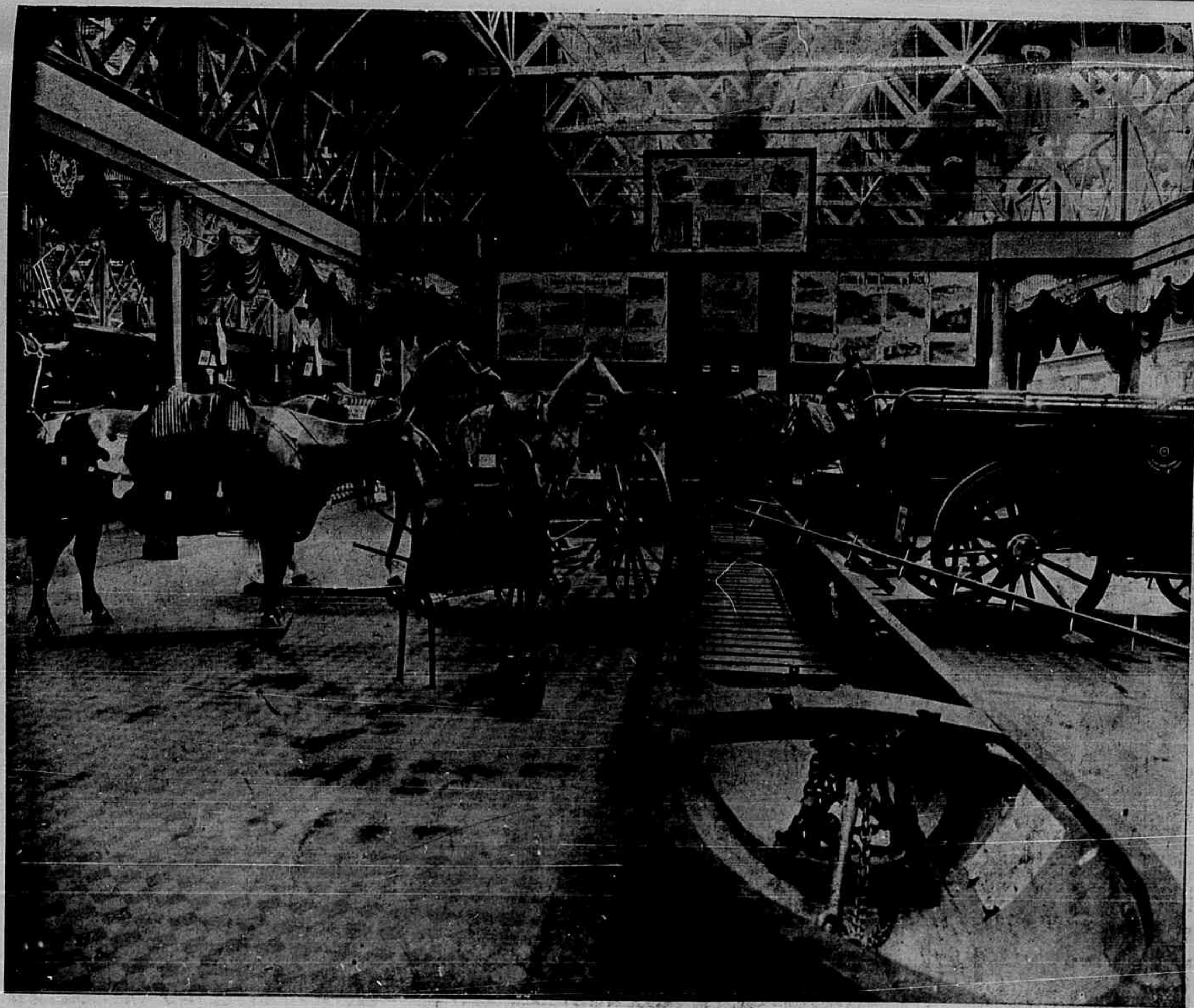
SECÇÃO DO BRAZIL NO PALACIO DE AGRICULTURA

KÓSMOS



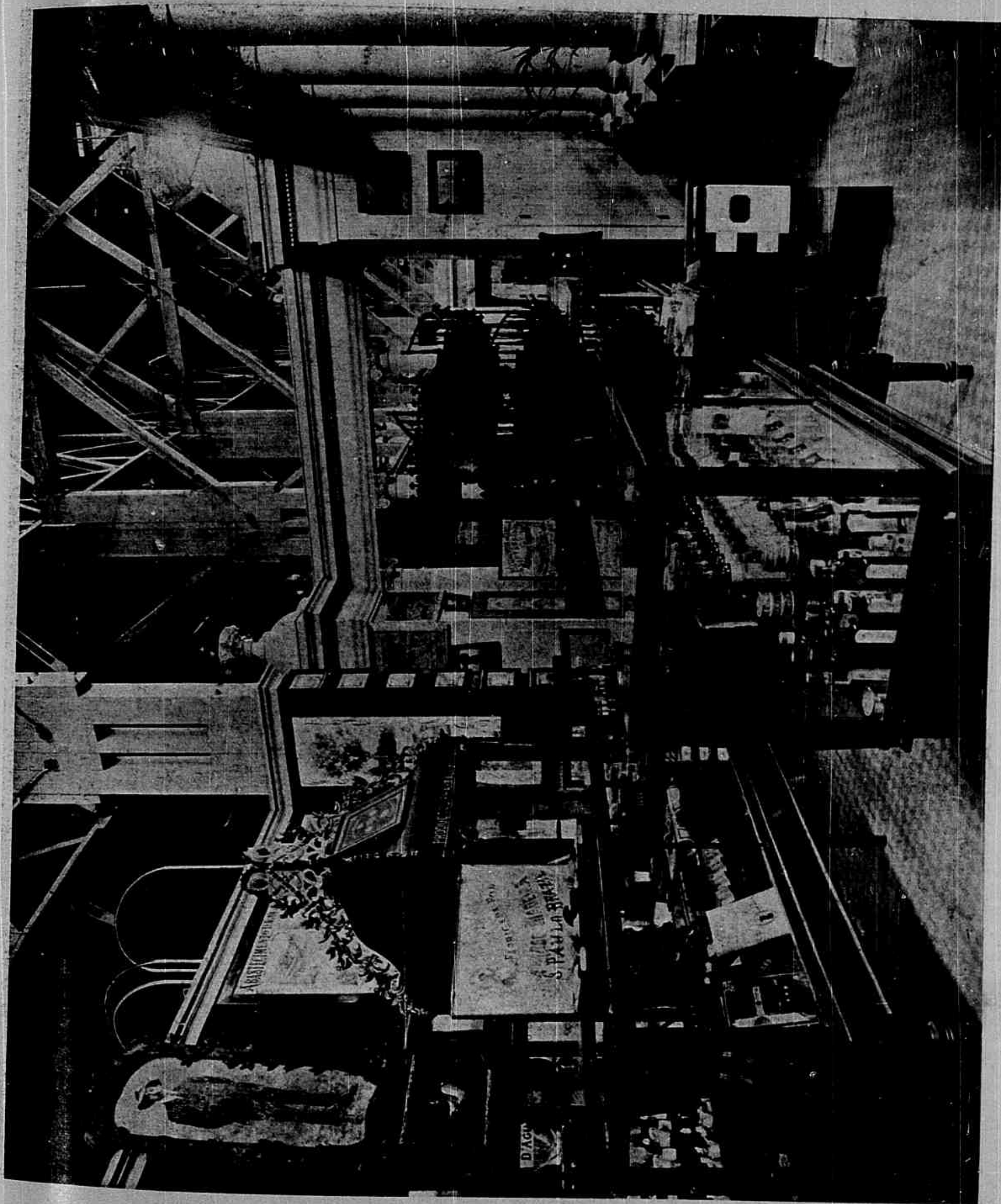
SECÇÃO DO BRAZIL NO PALACIO DE FLORESTA, PEIXE E CAÇA

KÓSMOS



SECÇÃO DO BRAZIL NO PALACIO DE TRANSPORTE

KÓSMOS



SECÇÃO DO BRAZIL NO PALACIO DE ARTES LIBERAES



SECÇÃO DO BRAZIL NO PALACIO DE TRANSPORTES

ESTYLOS EM ARCHITECTURA

II

ESTYLO ORIENTAL

«... O duplo sentimento do verdadeiro (aptidão científica) e do bom (aptidão artística), não se pôde tornar nitidamente pronunciado sem que o sentimento do bello (aptidão esthetica), que não é, em qualquer genero, sinão o instinto de perfeição rapidamente apreciado deva tambem surgir por toda a parte...»
(Augusto Comte—Systema de Philosophia Positiva—tomo IV, pag. 873).

A humanidade cansada de habitar as cavernas das montanhas e as grutas ribeirinhas, emigrou em grande parte para os valles, disseminando-se pelas planicies; d'ahi surgiram os povos procedentes dos primitivos caçadores e ichthyophagos.

A vida rustica, sujeita a longas e constantes peripetias de campo em campo, modificando grandemente os usos e costumes, impoz á população pastoril outro formato de abrigos, mais de accordo com a natureza da nova profissão, menos misanthropa e mais alegre.

Em consequencia, os povos pastores construíram moradas leves e ligeiras, de facil remoção e transporte; e assim surgiu a tenda. Essa habitação simples, sustentada apenas por espeques de madeira cravados no sólo, ampla e folgada, abrigava sob os tectos, cobertos de couros resequeados, casas e familias.

A tenda pastoril, originando o typo do estylo oriental, base da architectura sino-japoneza, foi, por assim dizer, a primeira construcção levantada pelos chinezes, e grande numero das actuaes construcções do extremo-oriental acompanham de perto esse genero de construcção. Com effeito, os pilares de madeira, lizos e despídos de bases e capiteis, que supportam os tectos dos edificios chinezes, representam as estacas primitivas; os tectos polygonaes, apoiados nesses pilares e compostos de diversas faces, forrados interiormente com pelles e estofos de phantazia, acompanham a forma curvo-convexa das tendas; a cobertura de telhas miudas semi-circulares ou quadrangulares, terminada em pontas recurvas munidas de ganchos sustentando campainhas, lembram as pelles superpostas dos tectos primitivos; emfim, do conjuncto d'essas construcções destacam-se as formas e caracteres das habitações dos pastores.

As casas e os palacios chinezes assemelham-se, extraordinariamente, a um grande numero de tendas reunidas, e os proprios templos, denominados *pagodes*, e bem assim as *torres*, são outras tantas tendas superpostas.

Disse algures um viajante do oriente—As cidadellas e as grandes cidades chinezas, inclusive Pekim, assemelham-se a grandes campos, onde a agglomeração das construcções lembram as moradas portateis das populações pastoris.

As construcções ligeiras e elegantes do extremo oriente, são características da raça amarella, e como que traduzem a delicadeza artistica e o apurado gosto d'esses povos, extraordinariamente originaes.

A arte ali é typica no conjuncto e nos menores detalhes; assombra as vezes, maravilha quasi sempre.

Os chinezes e japonezes são notaveis pela extrema ligeireza e formas caprichosas dos trabalhos, quer na industria, quer nas artes; desde a architectura até a pintura, desde os trabalhos de lacca, charão e marfim, até os bordados e tecidos de seda e palha.

Essa delicadeza paciente, manifestada em todos os actos da vida publica e particular, avulta dignamente no respeito, veneração e amor dispensados principalmente ás mulheres, originarios do celebre ditado chinês, universalmente conhecido:—*na mulher não se toca nem com uma flor*—.

A mulher japoneza, principalmente, é senhora absoluta do lar, manda, governa e reina; fóra d'elle, é cercada de todas ds atenções e carinhos, sendo característica a exigencia imposta aos viuvos e viúvas que pretendem contrahir novamente o casamento.

No extremo oriente, contrariamente á maior parte dos paizes occidentaes, o sentimento do bello, de que falla Augusto Comte quando trata da manifestação esthetica, surge expontaneo; infelizmente, porem, o sentimento do bom, apenas pronunciado no lar domestico, é assaz prejudicado pelos preconceitos e ambições d'esses povos.

O sentimento do verdadeiro, por seu turno, é ali insignificante, até mesmo nas proprias manifestações artisticas, contrariadas pela propensão dos orientaes para o genero fantasista-imaginoso.

Em materia de religião o fetichismo exerce pronunciado predomínio entre os povos asiaticos, e, como todos os crentes divinos, elles são em geral fanaticos, cheios de vicios e abusões.

O deus Boudha por elles adorado com fervor extraordinario, tem, segundo as escripturas orientaes, maior acção e poder que o deus catholico; porquanto, ao passo que este consubstancia tres pessoas, aquelle encarna sete, existindo por isso deuses com sete cabeças e quatorze braços.

Os templos dedicados a Boudha são magestosos e imponentes, primando interiormente pelo aceio do conjuncto, ordens dos arranjos, symetria das ornamentações e, sobretudo, pelo luxo e riqueza das decorações alacremmente destaeadas, pela vivacidade intensa das cores claras e superabundancia dos rendilhados.

Todo esse conjuncto, maravilhoso e feerico, cresce de vulto por occasião das solemnes e espectaculosas cerimoniaes do culto, celebradas no meio do maior silencio, e ouvidas com o respeito e extremada devoção, que o fanatismo excessivo e a crença cega pela divindade, impõe e exige.

A pobreza da aptidão scientifica, attestada nas manifestações exteriores, é em parte compensada pelos sentimentos altruistas do bom e do bello, manifestados de modo expontaneo na vida intima d'esses povos.

Os chinezes e japonezes adoram as flores e os perfumes; existindo jardins onde é defeso, e até um crime, arrancar uma petala sequer.

O *chrysanthemo*, o *iris*, toda a sorte de *iriades* e o *lyrio*, são cultivados com carinho e cuidados especiaes; a *flôr do lotus*, considerada sagrada, é respeitada e adorada com o fervor intenso das cousas sobrenaturaes.

A mulher, rodeada de mimos, cuidados e delicadezas, tem no lar domestico um altar, onde o respeito é extremado e a limpeza excessiva.

Ha casas forradas com esteiras cõr de leite, e onde é defeso penetrar calçado, em obediencia ás exigencias rigorosas de aceio e conservação.

O respeito e amor pelos velhos, manifestados, embora de modo menos intenso, entre os sentimentos affectivos da raça amarella, predominam acentuadamente no Japão.

Assim a veneração pelos avós, tratados com acatamento e consideração, e o carinho e ternura dispensados ás creanças, principalmente as do sexo feminino, são atestados vehementes dos sentimentos innatos nos corações Japonezes.

Esse mesmo povo sincero e bom, dotado de tão bellos e alevantados sentimentos altruistas, essa raça de artistas, amante das flores e das mulheres; aninha, no entanto, no mesmo coração generoso e meigo, ambições militares de conquista e de dominio, manifestadas nas guerras da China e da Russia, e nas atrocidades intestinas dos boxers e dos tonguzes.

A raça amarella possui incontestavelmente o segredo da arte, que denuncia uma actividade incrível nesse povo de aspecto indolente e doentio; actividade que Tolstoi admite nos homens como uma forma intensa de manifestação artistica.

As obras de arte pacientemente trabalhadas e maravilhosas nas minucias dos detalhes, as curiosas e variegadas construcções typicas da architectura sino-japoneza e originarias do gracioso estylo oriental, são outras tantas confirmações da actividade artistico industrial d'esses representantes da raça mongolica.

Os constructores quer chinezes quer japonezes, sacrificam sempre a solidez dos edificios em pról das proporções esbeltas, e elegancia do conjuncto.

Dentre as construcções singelas do estylo oriental, destacam-se, comtudo, algumas de aspecto grandioso, e formato pyramidal, compostas de varios pavimentos, semelhantes a um grande pombal.

Os *taas*, templos chinezes com o formato de torres polygonaes, são exemplos frisantes d'essas construcções dispostas em diversos andares, constituindo casas destacadas e superpostas pelos tectos.

O mais notavel *taa*, é o de Nankim, conhecido pelo nome de *torre de porcellana*, e considerado uma das maravilhas do mundo.

Os numeros mysticos dos andares são sempre impares nos *taas*; por essa razão a torre de porcellana compõe-se de nove andares, correspondentes ao numero das incarnações de Wischnou. Mede essa torre trinta metros de diametro na base e cento e sete metros de altura, comprehendendo a agulha extrema com vinte e sete metros. As muralhas interiores da torre são revestidas de tijolos ou ladrilhos brancos polidos, tendo em relevo a effigie de Boudha, ricamente dourada.

Alem da torre de porcellana ha um outro *pagode*, vasto e grandioso denominado *Sou-tcheou-fou* medindo na base noventa e tres metros de circumferencia e contendo nove andares.

As *portas de honra* são outros tantos monumentos chinezes dignos de nota, construidos com o formato de arcos de triumpho e erigidos á memoria dos imperadores, letrados, mandarins e de todos aquelles que prestaram serviços relevantes ao paiz, sem distincção de sexo e de classe.

E' extraordinaria, como se vê, a tendencia dos povos orientaes para o nivelamento das classes e gerarchias sociaes, sendo comtudo de admirar este pendor naquelles

paizes de regimen monarchico absoluto. Comtudo, nelles, mais do que nos povos occidentaes, a incorporação do proletariado na sociedade moderna encontra adeptos e adhesistas, mórmente nas classes altas.

O estylo oriental no Japão é identico ao chinez, mais delicado, porem, nas minucias dos detalhes e no artistico do conjuncto; assim a arte japoneza prima, sobretudo, pelo mimo da confecção attestada em seus bronzes, *foukuzás*, jarros e jarrões de porcellana, trabalhos de laca, charão e marfim; alem de maravilhosas e encantadoras belezas de execução em pinturas, frócos e bordados, sedas, *fuziumas*, *kakemonos* e uma infinita variedade de minusculos e graciosos bibelots; e essas mil cousas, e esses mil nada, trabalhos de paciencia e perspicacia artistica, dignos d'essas regiões banhadas pelos mares de coral.

O Japão possui pagodes budhicos esplendidos e entre elles destaca-se pela grandeza, vastidão e belleza, o denominado *Fo-ko-zi* em Myako, contendo uma estatua colossal de Budha.

Existe tambem um outro pagode em Osaka, elegante edificio cujos andares superpostos pelas coberturas, formando degrãos exteriores em todo o contorno, são decorados com finas esculpturas. Este edificio elevado no centro de magnifico e espaçoso jardim, é cercado de muros largos e espessos, contendo cavidades semelhantes as cellas dos conventos, e destinadas a alojamentos dos padres.

Estatuas colossaes de divindades encontram-se communmente no Japão em varias localidades, ao ar livre.

A estatua de Kamakoura, considerada a obra mais completa do genero japonez, no duplo ponto de vista da arte e do sentimento religioso, e dedicado a Budha, representa o deus, sob o nome de *Dobutzu*, em proporções colossaes, sentado e de pernas cruzadas; attitude caracteristica de meditação de quasi todas as divindades da religião budhista e do culto de Sinto.

No ponto de vista architectonico, o Japão se assemelha a China, devido ao predominio do mesmo estylo oriental; comtudo, em sua caracteristica, os architectos japonezes empregam o *dragão* na ornamentação dos templos e palacios.

Entre as construcções singelas, destaca-se no estylo japonez, os kiosques e mirantes, empregados em parques e jardins; e essa outra face do estylo oriental é caracterizada pelos tectos chatos em curvaturas affastadas; principalmente nas habitações privadas.

Em religião o japonez é budhista, existindo comtudo, alguns adeptos do culto de *Sinto* e do catholicismo.

Na China o povo em sua maioria segue o budhismo; contando-se ainda alguns adeptos do culto de *Táo-se*, religião dos espiritos, outros do mahometismo; alem da religião de Confucio, professada pela corte e pelos letrados.

O estado da mentalidade chinesa systematisada por Confucio, define o *fetichismo*; isto é a forma do estado theologico-ficticio, caracterizada pelo ascendente da concepção das *vontades* como *causa* de tudo, e que consiste em admittir que taes vontades são o attributo dos seres naturaes.

O estudo da marcha progressiva do desenvolvimento religioso, principalmente no Japão, depende do conhecimento da evolução de Augusto Comte sobre os tres estados mentaes; sendo difficil, porem, resumir essas concepções de modo satisfactorio, dentro dos moldes d'este modesto trabalho, nos limitamos unicamente a affirmar que os tres methods denominados respectivamente

theologico, methaphysico e positivo, e que o espirito humano segue em todos os seus raeiocinios, se substituem de accordo com a cathegoria dos phenomenos constatados: primeiro por *vontades* em seguida por *entidades cegas* e finalmente pelas *leis naturacs de semelhança e de successão*.

O estado mental do Japão é theologico — metaphysico, como attestam sua religião, usos e costumes; e, por outro lado, a progressão pratica militar conquistadora e militar defensiva (guerra com a China e com a Russia) d'esse paiz, vem confirmar francamente a marcha intellectual correspondente.

Os sentimentos domesticos e civicos, porem, na China, e mais ainda no Japão, cheios de altruismo e abnegação, se approximam bastante dos ensinamentos de Augusto Comte, com relação a essa religião da verdade e do amor, do progresso e da ordem, protectora dos fracos e dos opprimidos, da mulher e do proletario: creadora de um futuro exclusivamente industrial e pacifico, em beneficio da humanidade; baseado nas lições do passado e nos ensinamentos do presente.

Com o deslumbramento de uma aurora boreal, surgiu, incensado pelo nardo e pela myrrha, o estylo oriental, delicado e leve, cheio de graça e encanto, admiravel nos

detalhes dos rendilhados e fantasista nas curvaturas das ornamentações.

É essa immensa região oriental, terra das perolas e do chá, do opio e da porcellana, dos jardins perfumados e dos kiosques de marfim; abriga a raça amarella, descendente dos pastores, meiga no trato, fanatica em religião, intransigente em principios e pura nos seus ideaes; povo extraordinario e incomprehensivel, cheio de audacia e arrojados, em completo antagonismo com a indole e com o meio, artista e guerreiro, dotado de fortes messes de sentimentos sãos e capaz das maiores atrocidades e vinganças.

O conjuncto das manifestações egoistas, em detrimento dos sentimentos altruistas, contribue não só para aggravar cada vez mais a desmoralisação masculina, como tambem para augmentar essa corrente de sympathias e adhesões dos corações femininos, em pról do sacerdocio theologico, como unico refugio e salvaguarda da moral.

Um dia porem, quando o prestigio affectivo da mulher e as aspirações do proletariado á reorganisação social, unirem-se para a victoria final do espirito positivo; as manifestações industriaes dos povos asiaticos, sobrepujando os sentimentos guerreiros, augmentarão o esplendor e o brilho do estylo oriental, no interior d'esses deslumbrantes *pagodes e taas*.

A. LIMA CAMPOS.

UM ERRO DE LAFFITE

DANDO as vantagens de que gosa o systema de numeração septimal sobre o decimal, Laffite, em seu "Calculo Arithmetico", affirma que a conversão das fracções ordinarias em septimaes dá *sempre um quociente periodico simples*, o que não se verifica adoptando-se o systema decimal em que a conversão das fracções ordinarias em decimaes dá quocientes finito e infinito, sendo este ultimo ora periodico simples, ora composto.

Em primeiro logar não comprehendemos semelhante vantagem; muito ao contrario, consideramos mais vantajso poder obter, em alguns casos, quocientes *finitos* do que sempre *infinitos*. Sim; quando temos uma fracção decimal finita consideramos um valor *exacio* da geratriz, ao passo que quando encontramos uma septimal periodica, quer seja simples ou composta, temos *apenas uma approximação*.

Quanto ao facto de não dar periodica composta, e tão sómente periodica simples, ainda permitta-nos a audacia, estamos em desaccordo com o sabio Laffite, mesmo porque contra factos não ha argumentos suarios e estamos promptos a mostrar fracções ordinarias, que, convertidas em septimaes, dão periodicas compostas.

Alem disto, bem ponderado o principio que nos diz, tratando-se do systema decimal, que uma fracção ordinaria irreductivel, cujo denominador contiver os

factores primos 2 e 5 combinados com outros dá, convertida em decimal, uma dizima periodica composta, leva-nos ao seu congenere adoptando-se o systema septimal, o qual será o seguinte: toda fracção ordinaria irreductivel, cujo denominador contiver o numero *septe* combinado com outros dá, convertida em septimal, uma periodica composta.

Assim, sendo, as fracções $\frac{3}{20}$, $\frac{4}{20}$ etc. suppostas escriptas no systema de base *septe*, convertidas em septimaes devem dar periodicas compostas, o que effectivamente é verdade, pois, $\frac{3}{20} = 0,1333\dots$ e $\frac{4}{20} = 0,054125412\dots$

Antes de fazermos ponto final devemos mencionar que o grande Leibnitz, o primeiro que suscitou a questão dos diversos systemas de numeração, propondo o binario como sendo o mais vantajoso e, portanto o que devia ser universalmente acceito, não allegou o facto do numero dous ser primo, mas tão somente se conservar de cór dous caracteres e de transformar a multiplicação e a divisão dos numeros inteiros em addição e subtracção.

Tal proposta, como sabemos, não foi acceita, pois, mais que todo o allegado, pezou o grave inconveniente de serem todos os numeros representados por dous unicos algarismos o que alem de exigir uma grande extensão para os escrever nos sujeitaria a inevitaveis erros pela necessidade de continuas repetições.

F. SOUZA LIMA.

Da Escola Normal de Nitheroy

TYPOS DA ROÇA

III

MALUDO

CABOCLO mal encarado, olhando p'ra gente sempre esconfiado, mesmo como quem anda de má tenção, este sujeito, retaco, já marcado por varias chumbadas, é o maludo do logarejo.

Tendepá é com elle; parece que tem parte com o capêta, attentando as creaturas, puxando quistã por um nada; "trem," ruim acabado o maludo.

Cruz! Ave-Maria! resmungam os caboclos, quando o veem passar, na "pello de rato," viageira, vindo do rancho, na beira do ribeirão, onde elle fez um pary, e roça num pedaço de chão pegado com as terras de *seu* capitão, manda-chuva d'essas redondezas, onde a fama do maludo é de fazer respeito.

Quem quizer *serviço* bem feito é tratar com elle, bom na conta p'ra uma tocaia. Nas mãos do capanga, a "companheira," berra fogo na certeza, e o apontado á vindicta vae p'ro barro ali no duro. Pezam-lhe na cacunda diversas mortes, e não assumpta muito para afincar a faca no sangrador do "parceiro.". Ingirizou, sangrou num *átimo*, sugigando o "individuo," sem talvez.

Após, abre o pala, sumindo um par de tempos.

Já gemeu no páu duas vezes, mas merereca não póde com elle. Quem inticar, não tem arrumação: elle arruma de uma vezada, porque desaforo não leva para casa. Quando? *áudio!*

Pelo entreaberto da grosseira camisa, vê-se-lhe ao peito o *breve* ensebado, porque o maludo é devoto, sabendo tirar um terço, e corre que é turuna p'ra cortar um máu olhado.

Creatura de poucas falas, vive no seu quieto, cuidando de prover de um tudo o rancho onde mora com a dona, o seu chodó de quando era mais novo, agora o seu bem bom na velhice que vem chegando. Os cabellos já estão pintando, que nem pello de preguiça.

Que, porem, não lhe façam geriza: não é atôa que arrasta mala, e de homem não tem medo.

A gente vive é mesmo p'ra morrer, e o maludo, desde que estendeu um no pó da estrada, não esteve mais p'ra ouvir papeatas.

Gosta do gole, mas, durão, não é com pouca pinga que elle fica escornado. Quando elle entra na venda de "seu Antonio", que fica mesmo p'ras bandas de sua casa, os freguezes calam-se, cumprimentando-o receiosos; só "seu Antonio", mais parola, é que conversa com o maludo, mal encarado, olhar atravessado, todo um ar de contador de grongas, sabendo-se temido d'aquella "porqueira," de gente.

Escoltas têm-lhe ido ao encalço. E' baixo soldado pegar o rasto delle que, protegido, é avisado, e amoita por essas bibocas que ninguem o acha.

De uma feita, quando os missionarios estiveram no povoado, e até levantaram no largo o cruzeiro, o maludo bateu p'ra desobriga, promettendo mudar de vida. Qual! não levou dias e por causa de uma jogada no truque, teve um bate-barbas com o Chico carreiro, sujeito tambem pegador, e não foi nada: o ferro allumiou nos ares, o Chico ficou estirado a ponto de o julgarem "defuncto fresco.". Andou na embira, e o maludo triscou, ligeiramente ferido, agil que se portou na lucta, fugindo com o corpo apezar de grosso de carnes.

O vigario já disse que o maludo ha de acabar numa ponta de faca ou numa carga boa de garucha.

O caboclo soube disso, sorriu e, picando o fumo, observou:

— Póde ser, mas só si fôr á *treição*.

Não raro, passa um bandão de tempo sem apparecer; todavia, quem transita pela estrada vê o maludo, chapéu de couro, ora labutando na roça, cantarolando trovas, ora no pary, e a sua canoinha corta, maneira, o ribeirão.

O povoado chega a esquecel-o; quando, um dia, de sopetão, tem-se noticia de que o maludo acabou com mais um pobre de Deus, e, no local, mãos piedosas erguem uma cruz tosca, assignalando ao camineiro o crime que fica impune, porque o maludo, capanga dos "grandes", gosa de protecção.

Caboclo máu este sertanejo retaco, de olhar duro, poucas falas, cuja alma — dizem as velhas — já pertence ao *maldito*, temido criminoso no logarejo, onde os leques dos buritysaes farfalham ás aragens dos chapadões.

AZEVEDO JUNIOR.

Juiz de Fóra, 1904.



- Sabe com que se parece a saleta ?
- Não.
- Com um cemiterio da roça quando não ha defunto para enterrar.
- !!!!!!
- Bem. Dê-me agora algumas notas impressionistas.
- Ahi vão ellas :



Fiuzza mostrou ser symbolista com esta collega. Ninguém melhor interpretou na tela a velha comparação do pescoço de cysne. . .



De Amoedo. Influencia da pintura encaustica no crescimento das mãos. Bello systema para quem não tiver mãos a medir. . .



Este outro, de Machado, deve symbolisar o espanto petrificado de um conhecido conselheiro ao vêr que um simples cabrito supporta inalteravel o peso de uma matrona.



De Machado — Influencia dos cogumelos brancos sobre o penteado de arame e os paletots de palitos...



— Este quadro do Snr. Machado deve representar um *dominó* suspenso diante de dous nús e 5555 pedacinhos de papel de côr...

— Engano seu, é a tentação de Santo Antonio.



Pintura a ovo para que a arte não gema. Symbolysou Amoed^o, com toda a perfeição, o seio da representação nacional...



Angelo Agostini está viciado! Resultado da influencia do meio. Quiz favorecer os visitantes com dous palpites para o jogo prohibido...



H. Bernardelli — O comilão. Devorando os dedos, raivoso, por não poder dar conta de um presunto d'aquellê tamanho...



Bevilaqua — Soberbo trabalho — O Dr. Ruy Barbosa, aos 15 annos de idade, lendo pela 1ª vez um codigo civil.



Petit é incorrigivel! Tentando pintar o retrato do visconde do Rio Branco disfarçado no visconde de Ouro Preto, fez enganado, o busto do conde de Figueiredo...



E' bonito este de Chambelland, representando uma noite de S. João antes da postura municipal — Não escapou a classica rodinha de fogo...



Tela de Helios Seelinger — Recreativo quebra-cabeças — Premio ao primeiro decifrador: a colleção de telas expostas pelo mesmo autor. Ninguem dicifrá.

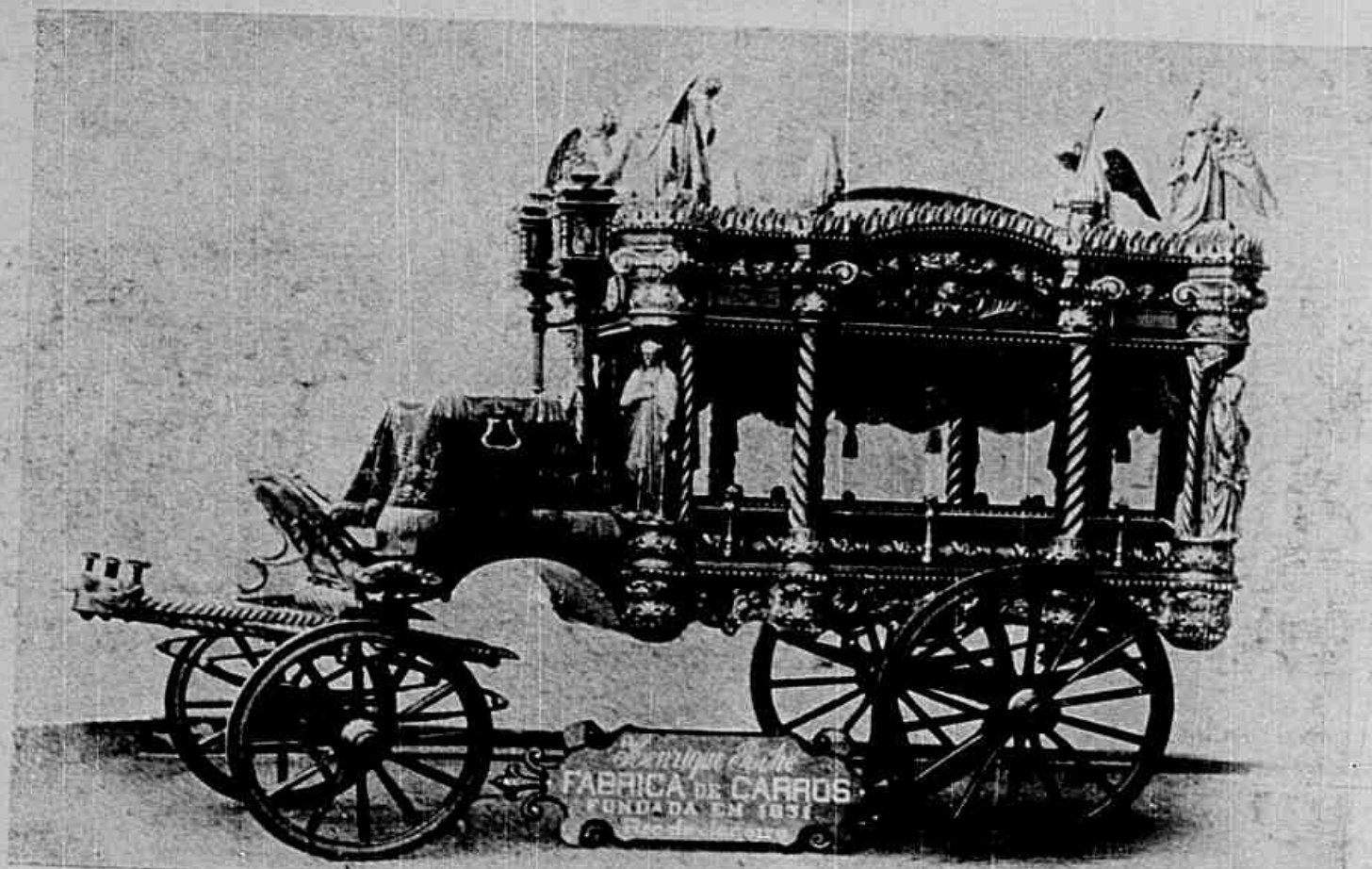
HENRIQUE RÖHE

Fabricante de Carros e Arreios de todas as qualidades

CASA FUNDADA EM 1831 POR J. L. G. RÖHE

233 — Rua Frei Caneca — 233

Aviso importante: os carros fabricados nesta officina rivalisam com os das primeiras fabricas no estrangeiro, em gosto, acabamento, material e surdez na sua rodagem, a durabilidade é maior e o preço menor.



“O que escreve a Deutsche Fahrzeug-Technik T. Golde Prussia.”

O fabricante de carros **HENRIQUE RÖHE**, estabelecido no Rio de Janeiro, Brazil, deu-nos o prazer de enviar uma serie de photographias tão interessante de bellos carros construidos nas suas officinas, que afirm de apreciar-n'as os nossos leitores, não queremos deixar de reproduzir-as aqui de vez em quando.

Apezar de não ser muito facil encommendar-se frequentemente um carro tão ricamente confeccionado, — mormente entre nós, na Allemanha, — tal carro pode todavia dar bem boas idéas a um constructor. D'ahi podemos tambem concluir o luxo com que as classes mais ricas na America ornam os carros funebres, não sendo absolutamente de admirar que ahi carros d'este genero atinjam o preço de 15:000\$000.

O carro funebre cujo desenho apresentamos, é inteiramente construido nas officinas do Snr. Henrique Röhe e serve de excellente exemplo do grande merecimento de sua fabrica.

Herr Wagenfabrikant **HENRIQUE RÖHE**, in Rio de Janeiro, Brasilien, hat uns in liebenswürdiger Weise eine Reihe sehr interessanter Photographien von schönen, in seinem Werke gebauten Wagen übersandt und wir wollen nicht versäumen, unsern Lesern einige dieser Abbildungen hin und wieder hier wiederzugeben. Wenn auch wohl kaum zu erwarten ist, dass ein so reich ausgestatteter Wagen, wie nach unserer obenstehenden Abbildung, öfter bestellt wird — besonders nicht bei uns in Deutschland — so gibt dieser Leichenwagen doch eine Reihe interessanter Motive und Ideen für den Wagenbauer. Man kann sich aber im besondern eine Vorstellung machen, mit wie grossem Luxus die reicheren Klassen in Amerika ihre Leichenwagen ausschmücken. Preise bis zu 50.000 Mark für diese Art Leichenwagen sind in Amerika durchaus keine Seltenheiten. Der Leichenwagen, welchen unser nebenstehendes Bild zeigt, ist vollständig in den Werkstätten des Herrn H. Röhe angefertigt und gibt einen glänzenden Beweis von der grossen Leistungsfähigkeit dieser Fabrik.



FILTROS MALLIÉ

(SYSTEMA PASTEUR)

Esterilisação *absoluta* pela porce-
lana de amianto

Superiores a todos os outros até
hoje conhecidos

A maior facilidade para installação
* * * e limpeza ! Simplicidade e * * *
elegancia ! Numerosos premios em
* * * * todas as exposições * * * *

UNICOS AGENTES PARA
* * * todo o Brazil: * * *

A. ABREU & C.^{IA}

102, Rua da Quitanda, 102
(Sobrado).

RIO DE JANEIRO

Catalogos
e prospectos á disposição do publico.

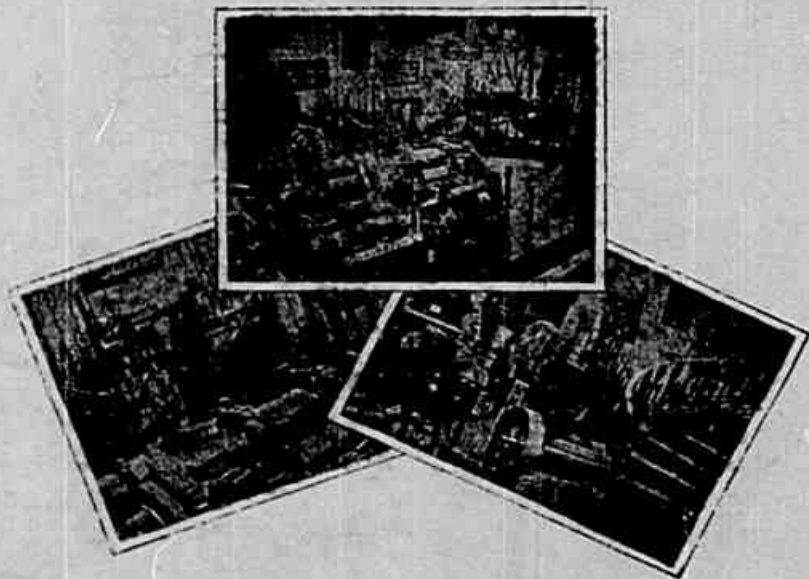
DUBONNET

○ MELHOR APERITIVO ○

FUNDIÇÃO INDIGENA

A MAIS ANTIGA DO BRAZIL

Premiada em varias Exposições Nacionaes e Estrangeiras



FARINHA CARVALHO & C.

* * * * * FABRICANTES * * * * *

DE MACHINAS PARA LAVOURA E INDUSTRIA

* * * CONSTRUÇÕES METALICAS * * *

GRADES, VARANDAS, COLUMNAS ETC. ETC.

CALDEIRAS, RESERVATORIOS, PONTES ETC.

PORTAS DE AÇO ONDULADO SILENCIOSAS

120, a 126, Rua da Imperatriz, 120 a 126

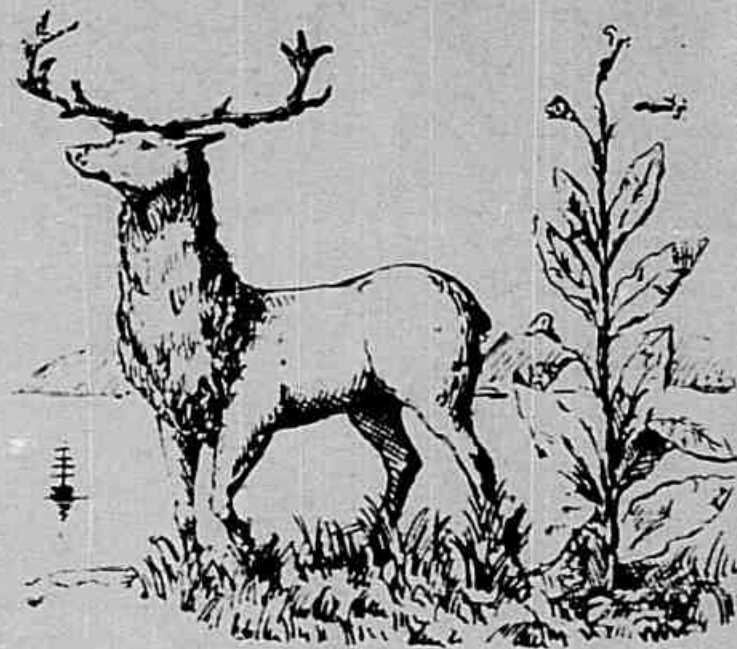
RIO DE JANEIRO

GRANDE MANUFACTURA

DE

FUMOS E CIGARROS

MARCA VEADO



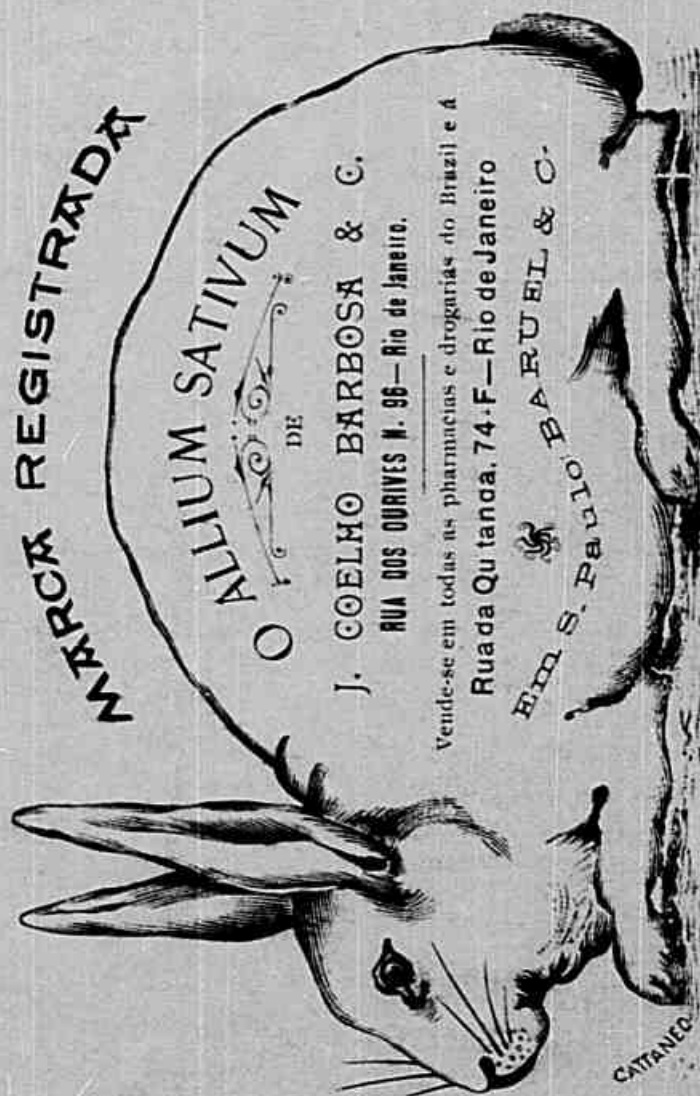
IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO

DE TODOS OS ARTIGOS PRECISOS PARA

Fabricas ou Depositos de Fumos e Cigarros

Unicos Proprietarios dos Papeis para Cigarros

LAURITA E CONDOR



MARCA REGISTRADA

O ALLIUM SATIVUM

DE

J. COELHO BARBOSA & C.

RUA DOS OURIVES N. 96 - Rio de Janeiro.

Vende-se em todas as farmacias e drogarias do Brazil e a

Rua da Quitanda, 74-F - Rio de Janeiro

ED. S. PAULO BARBOSA & C.

CATTANEO

PREVENÇÃO AO PUBLICO

Do ALLIUM SATIVUM antigo e conhecido na homoeopathia, porém pouco ou raramente usado, J. COELHO BARBOSA preparou ha cinco annos de uma forma especial um especifico para curar a influenza e constipações de um a tres dias. Apparece em todos os mercados e em todos os Estados do BRAZIL, prevenimos ao publico que, se quizer ter a certeza de levar para casa um remedio especialmente preparado para estas molestias deverá exigir o que traz um COELHO pintado.

A Equitativa



Sociedade de Seguros Mutuos sobre a Vida, Terrestres e Maritimos

APOLICES COM SORTEIO EM DINHEIRO EM VIDA DO SEGURADO

Sorteio de 15 de Outubro de 1904

6.070	DOMINGOS PAPI	THEOPHILO OTTONI, MINAS
10.363	ALFREDO BARROS.	FLORESTA, PERNAMBUCO
7.590	JOÃO NUNES LEITE	MACEIÓ, ALAGOAS
5.654	OCTAVIO CASTRO E SILVA	RIO PURÚS, AMAZONAS
12.765	DR. ALFREDO BORGES MONTEIRO	CAPITAL FEDERAL
13.233	JOSÉ DE OLIVEIRA FILHO	JANUARIA, MINAS
4.814	ANTENOR GUIMARÃES.	VICTORIA, E. SANTO
10.364	MANOEL RODRIGUES NINO	FLORESTA, PERNAMBUCO
12.775	DAMAZIO OLIVEIRA (TEN. CORONEL)	CAPITAL FEDERAL
10.388	D. MARIA RODRIGUES DA SILVA	CABROBÓ, PERNAMBUCO
6.084	OSCAR NIEMEYER SOARES.	CAPITAL FEDERAL
10.365	MANOEL RODRIGUES NINO	FLORESTA, PERNAMBUCO
6.156	CAP. TEN., JOÃO AUGUSTO DOS SANTOS PORTO	CAPITAL FEDERAL
10.366	LUIZ RODRIGUES DE MELLO	FLORESTA, PERNAMBUCO

Rio de Janeiro, 15 de Outubro de 1904.

Illm. Srs. Directores da Equitativa.

Permittam VV. SS. que por esta forma lhes manifeste os meus agradecimentos pela pontualidade com que fui embolsado da quantia de cinco contos de réis (5:000\$000), importancia de minha apolice n. 6084, contemplada no sorteio a que hoje procedeu essa importante sociedade.

Tal pontualidade é peculiar á Equitativa e só a mim mesmo tenho que louvar pela acertada escolha do meu seguro, pois que embora tenha agora recebido a sua importancia, fica o mesmo em pleno vigor para os demais effeitos e, portanto, com direito aos sorteios subsequentes.

Aproveitando o ensejo, subscrevo-me com a maior estima e consideração, de VV. SS. Cr.^o e Obr.^o—*Oscar de Niemeyer Soares.*

Rua da Alfandega n. 6.

APOLICE N. 12.765

Rio de Janeiro, 15 de Outubro de 1904.

Illms. Srs. Directores da companhia de seguros de vida Equitativa.—Tenho a satisfação de apresentar-vos os meus sinceros agradecimentos pela promptidão e presteza com que se dignaram hoje mesmo pagar-me a quantia de cinco contos de réis (5:000\$000), valor de minha apolice de seguro de vida, premiada no sorteio de hoje, e que foi por mim effectuado, graças á pertinacia e perseverança do seu digno e operoso agente, o Sr. Antonio Lima dos Reis, seguro este realizado ha menos de seis mezes.

Com os protestos de minha estima e consideração, subscrevo-me de VV. SS., Att.^o Ven. Cr.^o—*Alfredo Borges Monteiro.*

N. B.—Foi para mim uma agradável surpresa ter conhecimento de que continúa em vigor o meu seguro, não obstante ter sido hoje sorteado—*Alfredo B. Monteiro.*

A apolice de sorteio em dinheiro, de exclusiva invenção d'A Equitativa, é a ultima palavra em seguro de vida. Todos os sorteios são publicos e são dirigidos pelos representantes da imprensa, e teem lugar em 15 de Abril e 15 de Outubro de cada anno. Até hoje A EQUITATIVA tem sorteado 41 apolices na importancia total de Rs. 177:000\$000. pago em dinheiro á vista, sem prejuizo dos contractos que continuam em vigor.

Caixa do Correio N. 398 ☞ Endereço Telegr. *Equitas*

☞ ☞ Rua da Candelaria N. 7 — Rio de Janeiro ☞ ☞

PEDIR TABELLAS E PROSPECTOS NA SÉDE, E COM TODOS OS AGENTES D'A EQUITATIVA

Rio de Janeiro, 15 de Outubro de 1904.

Srs. Directores da Equitativa.

Amigos e Senhores.—Contemplada a minha apolice sob n. 12.755, no sorteio a que esta acreditada sociedade procedeu hoje e embolsado, immediatamente da quantia correspondente ou seja de 5:000\$000, agradeço a promptidão do pagamento effectuado.

Esta classe de apolices, na qual tive a felicidade de effectuar o meu seguro, realiza o que se póde desejar em seguros sobre a vida.

Receber o capital segurado em dinheiro e manter o seguro paro as eventualidades da vida, sem accrescimento maior de premios é realmente o *suprasummo*.

Não posso senão preconizar esta classe de seguro e a seriedade com que são effectuados os sorteios.

Queiram aceitar, Srs. Directores, com os meus sinceros agradecimentos, a expressão da minha estima e consideração.—Tenente-Coronel *Damazio Oliveira.*

Rua de S. Francisco Xavier n. 117.

Rio de Janeiro, 15 de Outubro de 1904.—Illms. Srs. Directores da Sociedade de Seguros de vida A Equitativa.—Agradeço a presteza com que me foi pago a premio de 5:000\$000, que coube á minha apolice n. 6.156, sorteada hoje, o que muito abona a conceituada Sociedade sob a vossa direcção e da qual faço parte como mutuario devido aos esforços e inspiração do vosso activo agente o Sr. Alexandre Gasparoni.

Subscrevo-me com toda a consideração, amigo attento e obrigado, *João Augusto dos Santos Porto.*

KOSMOS

ARTES GRAPHICAS

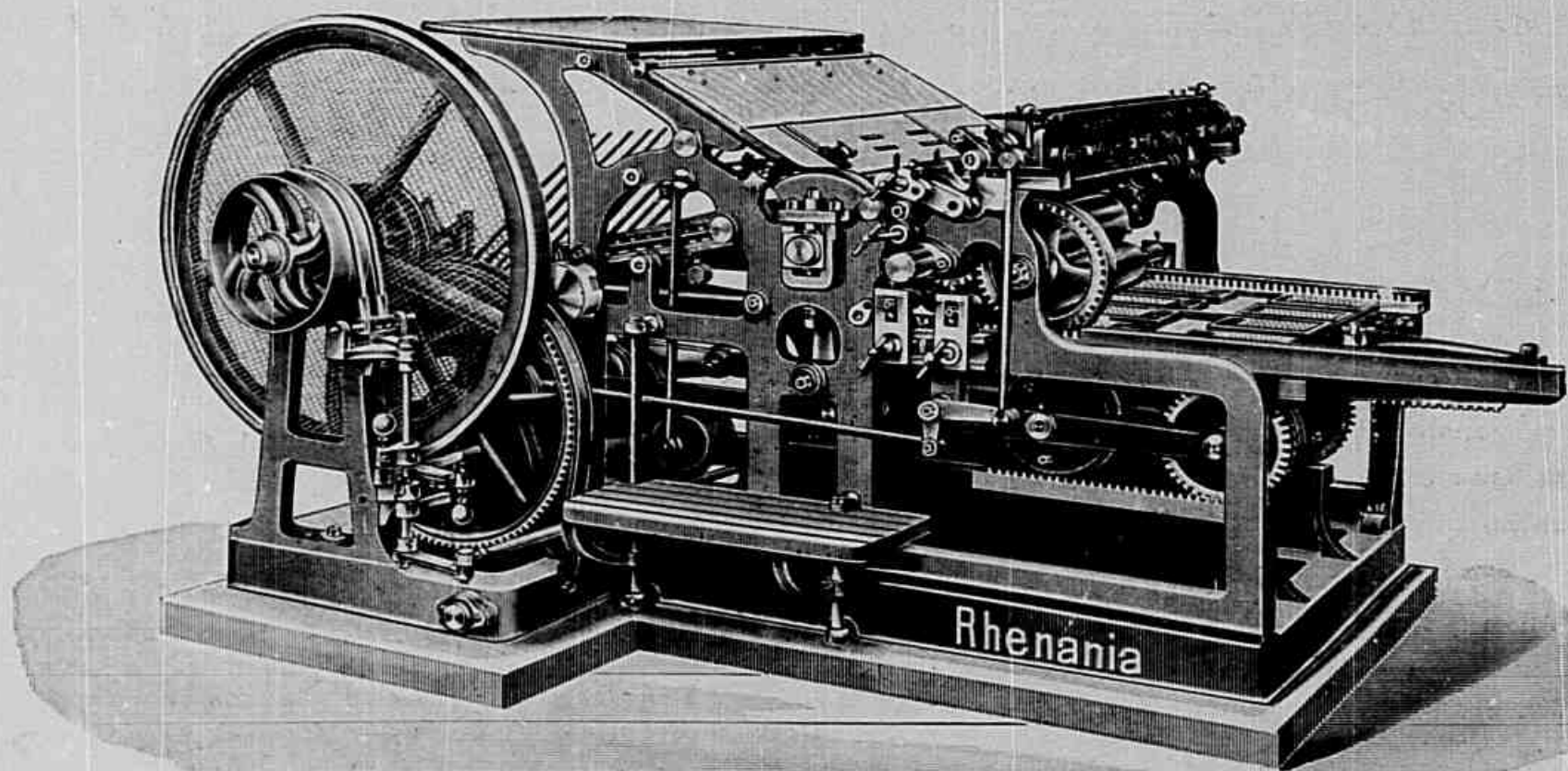
CAIXA DO CORREIO 994

TELEPHONE N. 1106

Temos sempre em deposito:

Tintas Typographicas, Lithographicas, Vernizes, Grande Variedade de Typos,
Massa para Rolos, Arames para Coser, Zinco, Cobre e Madeiras para Gravuras

MATERIAL PARA STEREOTYPIA, MACHINAS PARA IMPRESSÃO, ETC.



UTENSILIOS PARA COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

Depositarios das Tintas de Impressão BERGER & WIRTH

Augusto Niklaus & Co.

RUA DA QUITANDA N. 54 RIO DE JANEIRO

Temos recebido constantes reclamações dos nossos assignantes de varios Estados, com especialidade dos de S. Paulo e Bahia, sobre a entrega dos exemplares desta Revista. Sendo o nosso serviço de expedição feito com todo o cuidado, só podemos attribuir essas faltas á Repartição dos Correios, correndo por sua conta todos os extravios que se têm dado; não é injusta a nossa supposição porque, mesmo exemplares registrados com destino á Bahia teriam ficado até hoje na Agencia daquela cidade si não tivessemos enviado ao destinatario os recibos do registro; e pacotes amarrados e encapados, chegaram áquelle destino violados, e com falta de exemplares. Aqui fica feita esta declaração para que os nossos assignantes não nos responsabilisem por culpas alheias. ❧ ❧ ❧ ❧ ❧ ❧ ❧

CRONICA



“Setembro enche este ceu de sol brilhante”, já o disse

um poeta contemporaneo. A primavera, que

a ficção litteraria, por amor de legendas peregrinas, desterrara em Maio, reivindica este mez, sob os tropicos, os seus direitos naturaes e enche a cidade de sol, de alegria e de flores, accende por toda parte o entusiasmo fecundo, a ardente delicia de viver, rebenta do brando descambar do indeciso inverno carioca “toda em laços e pampanos e festas”...

E de festas foi todo Setembro, ainda que não tivesse sido todo elle rigorosamente de sol; mas a alegria tomou o lugar de que a luz primaveral, dias seguidos, desertara e ella sósinha foi radiação, calor, seiva, movimento, fecundidade. O Rio de Janeiro viveu uma vida intensa em Setembro: victorias, esperanças, consagrações...

De Agosto tivemos entremeiadamente ledices, maguas e ironias, porisso que era da condição d’esses dias misturar azues luminosos e ceus melancolicos, riscados por vezes de um relampago zombeteiro. Foi uma successão de clares e de sombras, de cousas alegres e de impressões dolorosas, atravessada, como um acerado sarcasmo, pela historia dos ratos da Saude Publica. A pulhice comica entremetteu-se no desfilar

dos factos do mez, a modo de um garotito desrespeitoso e insinuante que interrompe, a fazer gaifonas, uma narrativa séria; e o episodio dos ratos, que vale ao mesmo tempo por uma pagina de costumes e por uma satyra politica, fundiu-se na vida de Agosto, acompanhou-lhe, relampagueando, o desenrolar dos dias, dominou com o seu traço de zombaria chispante factos e commentarios, ideaes e desenganos, as expansões de fé e as surpresas pungentes...

Do mez derradeiro é o traço que permanece; é talvez o que se avivará de futuro, caracteristicamente original, quando um rebuscador paciente, revolvendo praticas e analysando costumes, estudar a feição do Rio de Janeiro neste começo de seculo.

Quando, daqui a cincoenta annos, remodelada por completo a velha S. Sebastião, rasgada em todos os sentidos de amplas avenidas cheias de predios claros e sadios, tiver desaparecido o ultimo rato nos escombros da ultima ruinaria abatida e o fumigador da Hygiene avultar no passado como o bengalão lendario do Vidigal no inicio do seculo findo, esse Vieira Fazenda do porvir deliciará as gentes do seu tempo contando-lhes que em 1904 o daminho roedor foi um objecto de lucrativo commercio na capital da Republica e como se organisaram syndicatos para a compra e a venda do desprezivel animalculo e como o Estado, em nome da salvação publica, se fez o entreposto monopolista dos murideos, estabelecendo uma pauta official para elles, taxando-os pela dimensão e pelo peso, valorisando-os respectivamente pelas tabelas da paga maxima e do preço reduzido.

Aos olhos curiosos de então, o sapiente antiquario fará desfilar o espectáculo dos ratoeiros, de buzina á bocca e a lata collectora ao lado, percorrendo as ruas cheias de bulicio e de reconstrucções, por entre os *vestons* caros e as

KÓSMOS

saias donairosamente arregaçadas da sociedade elegante, a anunciar pelas portas das casas, com um toque particular e suggestivo, a presença do intermediário em grosso á industria envergonhada e intima dos caçadores a varejo; descreverá a complicada machina administrativa gerada pelo rato, e as legiões muricidas, cuja soldada valia pelo numero conquistado de cabeças a premio — agora de simples roedores, felizmente, e o aspecto das fornalhas ardentes e dos funcionarios severos, recebendo os corpos dos transmissores de peste como eram recebidos d'antanho os dos transmissores de heresia, anathematisados e perseguidos uns e outros como factores de perdição social; e mostrará como o rato, excluido da lista do "bicho," — o traço dominante da civilisação indigena neste tempo — desforrou-se empolgando homens e cousas, collando-se á vida da Capital nos mais despercebidos detalhes, dominando, sem o parecer, actos e opiniões, governos e proletarios, intervindo no orçamento publico e na economia privada e, por entre o tumulto das actividades da epocha, dando discretamente de sua carne escassa — sem os horrores tragicos de Paris — o que comer a muita gente.

E para mais accentuar a influencia, nos costumes do momento, do infimo animalejo — cuja existencia será talvez para o Rio do futuro uma vaga tradição — o insistente investigador dirá a importancia que as justicas do Estado ligavam aos crimes referentes ao celebrado roedor e a severidade com que os puniam; e contará a attentos leitores que em Agosto de 1904, no Rio de Janeiro — neste Rio onde o clamor foi sempre a lentidão dos que prendem e a bondade dos que julgam, e no qual o *habeas-corpus* se afeiçoara a uma *bon-bonnière* automatica e o jury se fez instituição de caridade — a policia moveu-se celere um dia, a justiça afiou o melhor

dos seus gladios e um cidadão, que vendia ratos como toda gente, foi preso, processado e fulminado em tres dias por ter — na intenção, provavelmente, de estender a outras terras os beneficios da desratisação — vendido como legitimos cariocas roedores fluminenses, uns, e outros que aqui chegavam a bordo dos *steamers* tal qual como os *pick-pockets* e os rufiões que Buenos Aires exporta para cá... Os ratos, porem, não desembarcavam livremente; iam outros buscal-os.

Dirá ainda mais cousas, de certo, o pesquisador de 1954; e essas farão o interesse de uma geração de rebuscadores, curiosos de estudar a psychose social de uma epocha em que o rato obseidou a cidade e foi para muita gente — homens de imprensa, de industria, de sciencia e de governo, — um assumpto, um ganha-pão, uma prophylaxia e uma politica...

De Agosto foi esta a nota mais sensivel, o sulco incisivo. O engraçado episodio do sindicato rateiro e o tragicomico desfecho, avivando o traço novo que o trafico dos roedores imprimiu á feição carioca, marcaram indelevelmente o mez: o resto perdeu-se na vulgaridade dos factos.

A festa da Gloria, a romaria tradicional ao outeiro pittoresco que era a reliquia amoravel dos antepassados, essa mesma passou esbatida, sem relevo e sem vibração, como passam as tradições todas, absorvidas, apagadas, esquecidas pela nossa indifferente lassidão e o nosso ingrato desapego; passou como passam as festas que não têm por si sinão a fé simples e a expansão pura, como passam os cultos que não trazem atraz da Cruz o guião de guerra do partidario compungido... Hoje que a acção militante da Igreja se activa e que a propaganda religiosa no Brasil se embebeu de praticas e disciplinas forasteiras, a festa da Gloria não tem

KÓSMOS

mais o fausto e o favor de outras eras. Para a collina onde branqueja a ermida venerada de nossos avós não se dirigem as peregrinações soberbas, faiscantes de dignidades e de luzes, rumorosa do clamor de mil boccas, colleando pelas ruas, como na *Lourdes*, o corpo formidável... A Gloria teve o seu tempo, o tempo em que a crença não carecia de congregações nem o culto se inçara de invocações alheias á indole da lingua e ás tradições da raça; e agora, no recolhimento do seu altar illuminado e florido, onde uma mancha ainda de crentes simples vae levar as preces e as promessas, a imagem da Virgem, ella propria, como que volta olhos para o passado, uns olhos absortos e seismadores onde vaga uma funda e dorida nostalgia...

Fóra disto, só tivemos uma impressão forte em Agosto, forte e subita, mas pungente: a morte de Martins Junior. O golpe foi rude, e tão doloroso que reavivar aqui a fina silhueta do querido morto seria espalhar a tristeza por esta pagina desejosa de celebrar a primavera e a vida...

Agosto, como se vê, tirante a serie trivial das cousas em que a alegria é condição da vida e da saude, quando não foi ironia, foi pallidez e dor: descambar de inverno em que não ha tanto frio que impeça laivos de azul, nem calor bastante para que não deixe pairar a melancolia...

Setembro trouxe outra feição: varreu maguas, ridiculos e indecisões. Todo elle foi primavera, mesmo quando o ceu se obstinou na humidade e na sombra, contrapondo a este a irradiação das almas cheias de sol e florescendo formosamente em victorias, em garridices, em iniciativas felizes. Da *kermesse* da N. S. Auxiliadora á batalha de flores, a cidade, sob o influxo perturbador deste espontar primaveril, desabrochou, faceira, "toda em laços e pampanos e festas..."

Foi o mez da graça e da arte. A Exposição da Escola abriu a estação elegante, com a affirmação de consagrados talentos e apresentação de outros novos que espontam viçosamente; e logo se lhe seguiu a encantadora reunião do Parque Fluminense onde um grupo de senhoras exercitou mais uma vez a doutrina, que vêm de longe ensinando, de que a bondade é irmã da gentileza, que a caridade tem na pratica, como nos seus symbolos, uma forma esthetica e que alegria pode estar junta ao soffrimento, quando ella vale por uma restea de sol que aquece miserias e sanêa perdições.

A *garden-party* da Maternidade obedeceu ao mesmo principio e consagrou uma homenagem delicadissima. Si, como creem os espiritalistas, os mortos veem do alto o formigar humano que ficou sobre a crosta do planeta, irrequieto e fremente, á espera que lhe chegue a hora da partida, a grande alma de Ferreira de Araujo devia expandir-se, satisfeita, com a festa a que ligaram o seu nome. Elle era um artista intelligente e seu espirito devia comprazer-se á visão dessa festa de arte, intelligentemente feita; mais do que isso, porem, exalça a lembrança dos que continuaram no posto que elle commandou victorioso o movel a que ella obedeceu, o pensamento generoso que lhe deu razão de ser — essa maternidade de que a organização social faz, por vezes, uma macula e que é sempre um divino soffrimento, maternidade que une — ella só — a pequenez humana á magnitude celeste, igualando na mesma dor e na mesma grandeza a proletaria desamparada em cujo pró pedia-se um soccorro e a Virgem Excelsa cujo esplendor naquelle mesmo dia se glorificava. Si a alma do grande jornalista carecesse de oblações, esta seria a sua verdadeira missa...

Setembro passou todo em festas...

Destas, porem, a mais significativa, foi a solemnidade que em vão se

tentou amesquinhar pela zombaria e má vontade — a inauguração do eixo da grande avenida que a vontade forte de um ministro e a actividade excepcional de um engenheiro rasgaram através do preconceito e do casario arfuidos que enchiam, em grande parte, a capital da Republica.

Houve um jornalista que lembrou, em uma facecia leve, que se denominasse de futuro Avenida Sete de Setembro, a Avenida Central, em memoria do dia em que fora inaugurada a sua directriz, e que á rua que tem agora aquelle nome se desse o de "rua do Eixo". Não sei bem si traçando essa zombaria o escriptor quiz accentuar sob o disfarce de uma forma ironica um pensamento sincero; e não affirmarei que em verdade não merecesse a consagração de uma placa esse rasgão que representa, mais do que uma proeza da engenharia, uma victoria contra a rotina, isto em uma cidade em que as ruas se condecoram abundantemente com os appellidos immorredouros de commendadores inoffensivos e cabos de eleições. Mas o que se pode affirmar é que nenhum nome realmente se impõe de futuro á Avenida Central como o de "Sete de Setembro".

Não ha nisto a simples coincidência da inauguração, marcada, de certo, pelo desejo de commemorar com um facto brilhante a data maxima do nossa nacionalidade. Ha a psychologia do commettimento ligada estreitamente á razão de ser social da data festejada.

A insubordinação imperial de 1822 não nos trouxe, com a scisão das duas monarchias, a independência completa. Continuámos presos á mesma influencia e, o que é mais, aos mesmos usos e aos mesmos preconceitos. O espirito colonial permaneceu na resistencia ás novidades uteis, ás iniciativas fortes, ao progresso effectivo; fomos, durante dezenas de annos, mais do que entravados, reaccionarios. Olavo Bilac personificou

admiravelmente no homem da casa de banhos, demolida na Avenida Passos, esse espirito de estupidez e de odio.

E' destes ultimos tempos que data realmente a nossa alforria social; são esses melhoramentos ousados, essa remodelação moral e material que affirmam agora, de facto, a nossa personalidade de povo intelligente e capaz.

A Avenida é o traço mais vivo, mais vigoroso dessa phase nova. Ella rompeu definitivamente o laço que nos prendia á rotina, aos prejuizos aos habitos, aos moldes estheticos de 1822. O grito do Ypiranga só agora teve a sua affirmação pratica; o 7 de Setembro não deve ter outra consagração que não a avenida: esse deve ser o seu nome.

Nesta obra de alforria abençoada releve-se a vontade forte do illustre prefeito que fechou a estação de Setembro com a batalha das flores. E' inutil repisar louvores a essa festa que vale por uma pagina de educação popular e um acto intelligente de hygiene publica. Si, conforme a doutrina comteana, toda saude deriva do cerebro, e os grandes flagellos morbidos nada mais são que o soffrimento desse orgão desequilibrado por effeitos moraes, deve ser uma medicina poderosa que dá aos olhos um bello espectáculo e ao cerebro uma sadia expansão.

E' de resto o saneamento pelo ar, pela arvore, pela belleza, que restituirá ao Rio aquella fama antiga de fonte de saude que o cortiço e a casmurrice fizeram perder. E' esta a melhor das prophylaxias; e graças aos dois grandes higienistas que se chamam Lauro Müller e Pereira Passos, a velha S. Sebastião será em annos proximos a mais deliciosa das capitaes, quando o ultimo rato fugir de sob a ultima ruinaria derrubada e o derradeiro mosquito desaparecer sob a derradeira braçada de flores...



ESQUIVA

FEITO ESPECIALMENTE PARA KÓSMOS